

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

GENALVA MARIA DE JESUS

LITERATURA DE CORDEL: ações desenvolvidas no contexto educacional por
cordelistas educadores da cidade de Aracaju

SÃO CRISTOVÃO/SE

2016

GENALVA MARIA DE JESUS

LITERATURA DE CORDEL: ações desenvolvidas no contexto educacional por cordelistas educadores da cidade de Aracaju

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciência da Informação do Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Sergipe para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Telma de Carvalho.

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J58l	<p>Jesus, Genalva Maria de</p> <p>Literatura de cordel : ações desenvolvidas no contexto educacional por cordelistas educadores da cidade de Aracaju / Genalva Maria de Jesus; orientadora Telma de Carvalho. - São Cristovão, 2016.</p> <p>64 f.: il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe.</p> <p>1. Biblioteconomia. 2. Cordelistas. 3. Educação. 4. Informação. 5. Literatura de cordel. I Telma de Carvalho, orient. II. Título.</p> <p>CDU: 398.51(813.7) CDD: 398.5098141</p>
------	---

LITERATURA DE CORDEL: ações desenvolvidas no contexto educacional por cordelistas educadores da cidade de Aracaju

GENALVA MARIA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciência da Informação do Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Sergipe para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientadora: Profª. Drª. Telma de Carvalho.

Nota: _____

Data de Apresentação:

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Telma de Carvalho
(Orientadora)

Profª. Me. Niliane Cunha de Aguiar
(Membro Convidado – Interno)

Prof. Dr. Sérgio Luiz Elias de Araújo
(Membro Convidado – Interno)

À minha mãe, Josefa Maria de Jesus, e
às minhas filhas, Fernanda Silva e Alice,
as maiores preciosidades de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por estar sempre presente em minha vida me dando forças, saúde e coragem para continuar, mesmo nos momentos difíceis; e, também àqueles que estiveram ao meu lado nesta difícil caminhada.

Aos meus pais José da Hora (in memoriam) e Josefa Maria, pelo extraordinário exemplo de amor, luta e dedicação.

À minha filha Fernanda Silva, pelo carinho, palavras de incentivo e segurança e na compreensão em suportar a minha ausência nos momentos mais difíceis.

Ao meu futuro esposo Jackson Silva pela compreensão, apoio, incentivo e a paciência de permanecer sempre ao meu lado.

Aos meus irmãos, Antônio Rosilene, Jenário, João, Lindinalva, Luciene; cunhados e sobrinhos A todos familiares e amigos, principalmente à minha prima Joanita, esposo José Damasceno e filhos, pelo acolhimento em sua residência.

Aos amigos de Curso da Graduação onde nasceram amizades sinceras que permanecerão comigo sempre. Em especial às minhas amigas Sheila Carvalho e Gleice Santana.

A todos na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe onde realizei Estágio Obrigatório I. Ao diretor Luiz Marchiotti e à coordenadora da Divisão de Processamento Técnico Jandira Reis e à Miraildes Caetano com a qual fiz dupla e me acolheu em sua casa nesse período de Estágio.

Aos amigos que conheci no período de Estágio não obrigatório realizado na Biblioteca Pública Municipal Clodomir Silva no Bairro Siqueira Campos, em Aracaju; onde também realizei o Estágio Obrigatório II. À diretora Fátima Goês, pela oportunidade, à secretária Maria José, por todo apoio e auxílio e à Bibliotecária Maria Dulce, fonte de aprendizado e aos demais funcionários.

Aos meus Professores, grandes mestres que muito contribuíram para meu aprendizado e crescimento profissional. Em especial à Telma de Carvalho, minha orientadora de TCC, pela paciência, esforço e dedicação ao me orientar.

Aos poetas cordelistas Gilmar Ferreira e a Izabel Nascimento, pelo carinho, atenção, colaboração e disponibilidade em responder o questionário.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste Trabalho. Muito obrigada a todos!

RESUMO

O presente trabalho apresenta um breve estudo acerca da literatura de cordel, abordando sua chegada ao país pelo litoral brasileiro e apresentando alguns fatores para sua predominância na região nordeste. Destaca os primeiros cordelistas responsáveis por expandir o cordel por todas as regiões do país e apresenta cordelistas contemporâneos. Tem por objetivo verificar como a literatura de cordel é utilizada na transmissão de informação para escolares. Em termos metodológicos, foram realizadas a pesquisa bibliográfica para a busca do material para o suporte teórico e entrevistas a dois professores cordelistas que atuam nas escolas dos Municípios de Maruim e de Simão Dias, a fim de verificar como utilizavam o cordel para a transmissão de informações aos alunos. Para a análise de dados foi adotado o método qualitativo. Esta pesquisa apresenta como o cordel pode ser utilizado na escola e quais ações são desenvolvidas em salas de aula pelos professores pesquisados. Considera-se que o cordel em sua forma pluralista se constitui de material de informação informal que serve de complemento às atividades curriculares e extraclasse proporcionando o contato com temas sobre a cultura, linguagem, histórias, entre outros e promove o incentivo do aprendizado dos costumes e das manifestações culturais, sociais, da escrita e da leitura.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Cordelistas. Educação. Informação.

ABSTRACT

This paper presents a brief study of the pamphlet literature, addressing his arrival in the country by the Brazilian coast and featuring some factors to their dominance in the Northeast. Highlights the first cordelistas responsible for expanding the line for all regions of the country and offers contemporary cordelistas. It aims to see how the line of literature is used in the transmission of information for school. In terms of methodology, we were carried out bibliographic research for the search of material for the theoretical support and interviews to two cordelistas teachers who work in schools of Maruim municipalities and Simon Dias, to see how used the line for the transmission of information students. For data analysis we used the qualitative method. This research shows how the line can be used in school and what actions are carried out in classrooms by teachers surveyed. It is considered that the line in a pluralistic way constitutes an informal information material that complements the curriculum and extracurricular activities providing contact with topics about culture, language, stories, etc. and promotes the customs learning incentive and of cultural expressions, social, writing and reading.

Key words: Literary of Cordel. Cordel Literature

. Education. Information.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A LITERATURA DE CORDEL NO CONTEXTO SOCIAL: breve histórico	14
2.1	Características dos folhetos de cordel	16
2.2	Fontes de informação sobre o cordel	19
2.3	Fatores contribuintes para a predominância do cordel no Nordeste	22
2.4	Ciclos temáticos da literatura de cordel	24
2.5	Cordelistas destacados na literatura	28
2.6	A Ciência da Informação e a literatura de cordel	36
3	METODOLOGIA	39
3.1	Os sujeitos de pesquisa	42
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICE A	64
	ANEXO A	65

1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel se caracteriza como cultura popular poética impressa por se apresentar numa linguagem singular e ser criada pela inspiração criativa dos poetas e cantadores, trazendo em suas poesias versadas conteúdos orais e escritos sobre variados temas que podem ser criados de acordo com os romances tradicionais existentes ou de acordo com os fatos de ocorrência momentânea, conforme atesta Lopes (1994).

O cordel se constitui hoje material bastante utilizado como recurso didático por professores educadores e também por poetas educadores atuantes na educação e, nessa concepção, a Ciência da Informação (CI) “pode dialogar com diversos grupos que produzem a notícia através de canais informais, além de buscar compreender o acesso e o uso que os indivíduos fazem das fontes e canais de informação” (SILVA, 2012, p. 22). A autora acrescenta que atualmente a CI tem feito reflexões sobre as fontes de informações produzidas fora dos limites acadêmicos, e dessa forma, entende-se que “o cordel informativo configura-se numa fonte de informação informal, que foge da formalidade do registro” (SILVA, 2012, p. 59).

De acordo com Lopes (1994), a literatura de cordel, conhecida a princípio como “folhas soltas”, “folhas volantes” ou “cadernos manuscritos” chegou ao Brasil na bagagem dos colonizadores portugueses no século XVII, pela região Nordeste, e se expandiu pelo resto do país só a partir do século XIX. Manteve sua predominância na região Nordeste do Brasil por encontrar ali fatores determinantes para que isso ocorresse.

Desde sua chegada até os tempos atuais, o cordel exprime relevância no contexto educacional, social e cultural e será abordado neste trabalho de conclusão de curso principalmente o contexto educacional.

Desde sua origem o cordel é considerado como um meio de comunicação de extrema relevância, pois os “livretos” alcançaram lugares onde as inovações tecnológicas ainda não haviam chegado, levando informações às várias classes sociais abordando conteúdos de variados temas, também conhecidos como “ciclos temáticos”, conforme atesta Lopes (1994).

A literatura de cordel é considerada uma linguagem impressa popular por trazer em seus livretos - construídos tanto por pessoas com formação escolar como

por aquelas com o grau de escolaridade incompleta ou, ainda, aquelas que não têm escolaridade nenhuma e que, mesmo assim, sabem ler e escrever - informações importantes acerca das mais diversas temáticas sob a forma de poesias versadas, com a rima das estrofes, numa linguagem oral e escrita acessível ao público ouvinte e leitor (SILVA, 2008).

A Ciência da Informação considerada como uma ciência concebida para o trabalho da recuperação, tratamento e disseminação da informação visa sistematizar o conhecimento construído coletivamente pela humanidade (SILVA, 2012). Nesse sentido, tornar acessível as produções bibliográficas desenvolvidas na sociedade, tanto para o público estudante como para a população em geral. Assim, o cordel se adéqua aos preceitos de divulgação e mesmo de organização da informação podendo ser também um dos instrumentos de estudo da biblioteconomia e da ciência da informação.

De acordo com essa premissa a CI “[...] surge de uma preocupação em organizar e tornar acessível a informação científica e tecnológica ao privilegiar informações ligadas às instituições oficiais” (SILVA, 2012, p. 24).

Podemos considerar, em termos educacionais, que ações como: contação de histórias, saraus, encontros com autores, concursos de poesias, palestras, aulas extraclasse, seminários e projetos desenvolvidos pelos poetas educadores para a população, sejam estudantes ou não, podem representar uma forma de aprendizado e de valorização da cultura popular, resgatando, assim, a memória e a existência de um passado que tanto contribuiu para formação da cultura e dos costumes existentes.

Dessa forma, Silva (2012, p. 47) ressalta que

É preciso reconsiderar nossa visão sobre a Ciência da Informação. Se a virmos como ciência apenas direcionada à informação científica e tecnológica, estaremos, nesse sentido, contribuindo para fomentar a exclusão, entendendo que todo ser humano que não esteja ligado aos saberes acadêmicos ou tecnológicos não é capaz de produzir, organizar, transferir ou usar a informação.

Os assuntos apresentados e registrados ao longo dos anos nos folhetos cordéis constituem fontes de informação que podem ser divulgadas de forma oral ou impressas. Desse modo a arte cordeliana, pode ser considerada como instrumento de investigação de acontecimento histórico, desempenhando a função de fonte

informativa e de resgate de tais informações, como: os acontecimentos históricos, histórias da vida cotidiana, romances tradicionais, fictícios e reais, etc., como atesta Silva (2012).

Assim, o estudo da literatura de cordel, eleito como tema dessa pesquisa, parte da intenção em conhecer, mais a fundo, a origem dos livretos com suas narrativas que abordam temas diversificados, identificando seus produtores e explicando como os livretos chegaram ao Brasil. Buscou-se ainda, compreender a contribuição dessa cultura popular no aprimoramento informacional, no contexto socioeducativo de acordo a modalidade literária expostas nos folhetos, levantando-se o seguinte problema de pesquisa: que contribuições a literatura de cordel, como instrumento de cultura popular, apresenta para a sociedade e para o público estudantil no contexto informacional?

Para a elucidação desse problema este trabalho objetivou, de forma geral, a realização de uma explanação acerca da origem da literatura de cordel e de sua relevância como recurso didático pedagógico utilizado como complemento para o aprimoramento informacional, em relação ao incentivo à leitura por parte da população, preferencialmente dos educandos.

Quanto às especificações, foram elencados alguns cordelistas antigos considerados como precursores dessa cultura popular por serem os mais mencionados na literatura contemporânea. Também foram apresentados alguns poetas cordelistas modernos que colaboraram para a continuidade da cultura popular. O trabalho buscou, ainda, verificar a participação de dois cordelistas educadores que atuam no magistério utilizando o cordel como recurso didático pedagógico, a fim de identificar que tipos de ações eles desenvolvem em sala de aula com o cordel, sendo: O poeta educador Gilmar Ferreira que leciona atualmente no ensino fundamental no 6º e 7º ano da escola Municipal Maria Rabelo Barreto no povoado Salobra em Simão Dias/SE e a poetisa Izabel Nascimento que atua no ensino básico do 1º ao 4º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Fidelis Costa, povoado João Gomes de Melo, na cidade de Maruim/SE.

Em termos metodológicos este trabalho se adéqua aos preceitos da pesquisa descritiva, pois busca a identificação de determinados problemas ou questões evidenciando suas características e procurou descrever os fatos contidos nos documentos como livros, folhetos de cordel no que concerne aos acontecimentos expostos sobre a temática abordada neste trabalho pois, segundo Rudio (1991) a

pesquisa documental visa a busca e a consulta em livros. Trata-se também de pesquisa bibliográfica, pois buscou informação em registros bibliográficos impressos e on-line. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica tem por característica a elucidação de fatos ou problemas referenciados em documentos produzidos anteriormente, conforme Cervo e Bervian (2002). Para obter as informações necessárias para a complementação da temática dessa pesquisa foi utilizado um questionário com perguntas abertas onde, segundo Gil (1996), o questionário refere-se a questões respondidas por escrito pelos pesquisados e, neste caso, com dois poetas cordelistas e educadores no intuito de obter informações acerca de ações realizadas em sala de aula para o aprimoramento informacional no contexto educacional, por meio da literatura de cordel. A elaboração das questões seguiu um roteiro pré-estabelecido que se encontra disponível no Apêndice A.

Para a análise dos dados a pesquisa se realizou de forma especificamente qualitativa, pois estuda a complexidade total do objeto estudado, neste caso a subjetividade dos cordelistas, sujeitos da pesquisa, respondentes do questionário.

Este trabalho se encontra na linha de pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento do Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Sergipe UFS, pois trata de questões relacionadas à direção, ao planejamento, ao controle e à avaliação de unidades, sistemas, processos, fluxos e recursos de informação e de conhecimento assim como às questões relacionadas à cultura e ao comportamento informacional.

Em termos de apresentação, o trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos, sendo o primeiro a Introdução que traz uma abordagem dos assuntos mostrando a literatura de cordel em sua origem, os poetas precursores e alguns modernos, destacando o cordel como meio de comunicação no meio social e como a poética dessa cultura popular vem sendo utilizada pelos poetas populares e também por poetas educadores no contexto educacional como recurso didático. O segundo trata especificamente do referencial teórico sobre a literatura de cordel trazendo uma síntese de sua origem, características quanto ao formato, a métrica, a rima e o tamanho do folheto. Aborda as localidades onde os cordéis são produzidos e as instituições onde eles são depositados como: bibliotecas, casas culturais, universidades. Descreve os fatores que contribuíram para a predominância desta literatura no Nordeste brasileiro e, ainda, os ciclos temáticos que dividem os cordéis por assuntos. Menciona os cordelistas destacados na literatura popular como os

precursores responsáveis por expandir esta manifestação cultural trazida da Europa para o Brasil; bem como aponta poetas modernos que fazem uso do cordel para transmitirem informações. Aponta, ainda, que a CI, considerada uma ciência contemporânea, pode intermediar a informação entre o leitor ou a fonte de informação e o ouvinte receptor da informação. O terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos utilizados e destaca os professores cordelistas sergipanos participantes desta pesquisa. O quarto capítulo traz os resultados e a discussão sobre o uso do cordel como recurso didático pedagógico em sala de aula e, por fim o quinto capítulo apresenta a conclusão da trajetória deste trabalho.

2 A LITERATURA DE CORDEL NO CONTEXTO SOCIAL: breve histórico

Atribui-se a origem do cordel, de acordo com Diégues Júnior (1975, apud LOPES, 1994, p. 10), a poemas escritos versados em folhas soltas, folhas volantes, em cadernos manuscritos e de expressão popular oral antes do surgimento da imprensa sendo considerado a propagação dos romances portugueses em versos orais. Nesse caso, Lopes (1994, p. 10) afirma que “dois ilustres folcloristas brasileiros, Luís da Câmara Cascudo e Manoel Diégues Júnior, trouxeram, inicialmente, contribuição ao problema da origem da nossa literatura de cordel”.

Tavares (1998, p. 7) e Lopes (1994) dizem que em outros países, como Portugal, eles eram chamados de “literatura de cegos”; na Espanha, conhecidos como “pliegos sueltos” e na França, “Literature de Colportage”. Esses livretos ganharam várias denominações curiosas como: folhetos, livretos, livros de bolso, livros de feira, folhas volantes, um só poema curto ou folhas soltas - quando eram impressos em uma ou poucas folhas - e, finalmente, literatura de cordel. Desse modo, observa-se na afirmativa de Silva (2005) que essa última denominação, literatura de cordel, se tornou usual tanto aqui no Brasil como em Portugal pela mesma forma que os folhetos eram vendidos: pendurados em barbantes, conhecidos também por cordão, cordel e corda.

A denominação mais precisa que se adquiriu para definir a literatura de cordel é a *poesia narrativa popular impressa*. Essa designação foi definida em um ciclo de estudos sobre literatura de cordel patrocinado pela Universidade Federal do Ceará, em 1976, em resposta ao professor Raymond Cantel, da Sorbonne - Universidade Paris, Sorbonne, considerado, segundo Lopes (1994, p. 13) “grande estudioso no assunto”, quando questionado sobre a definição mais compacta sobre o cordel.

Assim, a poesia narrativa antes divulgada oralmente passa a ser impressa e, conforme Diégues Júnior (1975), os folhetos, após impressos provavelmente em folhas baratas eram vendidos onde houvesse aglomeração de pessoas, como: feiras livres, mercados, praças públicas e nas romarias (procissão de devotos católicos). Em relação ao tempo de surgimento do cordel, autores como Silva (2013), Tavares (1998), Andrade (2005) ressaltam que sua origem se deu entre os séculos XVI e XVII, em países como Portugal, Espanha.

A poesia narrativa, folclórica, popular e impressa, também denominada literatura de cordel, são folhetos escritos em estrofes sob a forma de versos rimados

e seu sucesso deve-se a um conjunto de fatores, principalmente a relação com a oralidade mantida nas suas composições. Adquiridos esses cordéis, as pessoas reuniam-se para ler em grupos de pessoas na casa de vizinhos e de familiares. Proporcionando momento de descontração e aprendizado, conforme aponta Lopes (1994)

Para Oliveira et al. (2011), o cordel apareceu na Península Ibérica e foi trazido para o Brasil pelos colonizadores europeus. No Brasil, apesar de ter chegado no final do século XVI e início do século XVII com os colonizadores portugueses pelo litoral nordestino, só se expandiu para os demais estados brasileiros a partir do século XIX. Sua expansão para demais estados do Brasil se deu no início do século XX, “especificamente no Ceará”, conforme Oliveira et al. (2011, p. 767).

Segundo Andrade (2005) atribui-se esse intervalo de tempo da circulação do cordel para as demais regiões pela proibição de tipografia no Brasil, pois naquela época as produções intelectuais dos autores só podiam ser impressas na metrópole. Até então, os versos eram transmitidos de forma oral, manuscritos, contados ou cantados de acordo com o que se ouvia nas leituras dos manuscritos chegados aqui no país.

Nesse sentido observa-se que a literatura de cordel - predominante no Nordeste brasileiro até o século XIX - após sua chegada ao Brasil, se expandiu para os demais estados brasileiros. Nessa expansão, o cordel ganhou nova configuração no formato e nos desenhos da capa, no tamanho do folheto, mas sem perder a originalidade dos conteúdos. Assim, Barroso (2006, p. 8) desenvolveu em sua monografia um estudo ao fazer “uma reflexão sobre os significados da produção e da transmissão da experiência do fazer cordel, para os cordelistas no Distrito Federal - DF: no período de 1986 aos dias atuais”. A autora sinalizou que, na sua maioria, eles são migrados, em diferentes momentos, de todas as cidades dos estados do Nordeste. O resultado de seu levantamento, elaborado por meio de entrevistas com os cordelistas, trouxe informações sobre o cordel em suas vidas, pois se descobriu que os poetas cordelistas de Brasília foram pessoas de vidas simples que descobriram, com a produção da poesia rimada do cordel, uma forma de descreverem suas próprias opiniões e histórias de vida, além dos acontecimentos de que tinham conhecimento, tinham vivenciado ou de que ouviam falar.

2.1 Características dos folhetos de cordel

De acordo com Tavares (1998), o formato do folheto de cordel se apresenta na forma de um livro pequeno com 16 x 10 cm e, em sua maioria, tem 8, 16, 32, 64 páginas. Ou seja, pode ter de 8 a 64 páginas. No entanto, essa numeração de páginas de folhetos pode chegar a um número maior, pois dependerá da criação do cordel e da adaptação da história. A impressão do folheto é feita quase sempre em papel barato e traz em sua capa figuras ilustrativas, representando o assunto abordado no folheto. Os desenhos das capas, antes eram entalhados em madeira, são as xilogravuras, e muitos artistas ainda trabalham nesta arte milenar.

Conforme Curvelo da Silva (2013, p.5)

O cordel antigo não trazia xilogravura de suas capas, as quais eram ilustradas apenas com vinhetas. A partir da década de 1930, surgem nas capas dos folhetos clichês de artistas de cinemas, fotos de postais, retratos de Padre Cícero e Lampião. As xilogravuras como símbolo visual só aparecem com regularidade a partir da década de 1940. É a arte, ou técnica de ilustração, de gravar em madeira, com o uso de ferramentas improvisadas (estilete, canivete, tesoura), realizando o entalhe na madeira. Expressão da criatividade dos artistas populares do Nordeste, as xilogravuras de cordel refletem ideais, anseios e sonhos do nordestino, além do mundo fantástico dos seres místicos e mágicos das concepções ingênuas.

Segundo Tavares (1998), a apresentação técnica, ou seja, a métrica usada na elaboração dos versos contidas nas estrofes de seis versos do cordel inclui as narrativas dos folhetos onde são chamadas de “sextilhas” e podem ter um esquema fixo de rimas, chamado de ABC BDB, onde a segunda, a quarta e a sexta linhas devem rimar entre si e as demais não, como mostra esse exemplo da obra do próprio autor: *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*:

Leitores, pra esta história
Lhes peço toda atenção
porque nela se encerra
um exemplo, uma lição:
a verdade disfarçada
pelo véu da ilusão.

Artur era andarilho
que vivia a vaguear
atravessando países
pela terra e pelo mar

em busca de injustiças
que ele pudesse acabar.

Seu braço era vigoroso
e seu coração, leal.
Brigando era um redemunho
jamais ele se dava mal:
ligeiro como um corisco
não havia outro igual.

[...]

Tavares (1998) explica que alguns poetas produtores de cordel usam outra notação de rima, que é descrita como xaxaxa, onde o “x” indica as linhas de rimas livres e o “a” indica que a rima deve existir como mostra o exemplo de cordel na obra de Patativa do Assaré, (2012, p. 7) *História de Aladin e a lâmpada maravilhosa*:

Na cidade de Bagdá
quando ela antigamente
era a cidade mais rica
das terras do Oriente
deu-se um caso fabuloso
que apavorou muita gente

Nessa cidade morava
uma viúva de bem
paciente e muito pobre
não possuía um vitem
dentro da choupana
sem falar mal de ninguém

Vivia bem satisfeita
nessa pobreza sem fim
tendo só um filho único
com o nome de Aladim
que apesar de ser travesso
Ninguém lhe achava ruim.

[...]

Estes exemplos acima citados são semelhantes por se apresentarem na mesma forma: estrofes. Por outro lado, é importante observar que a produção de cordel também pode ser apresentada em livro de tamanho normal, isto é, nos padrões estabelecidos, e não só em folhetos. Assim as rimas também podem aparecer em outros formatos de matérias que não sejam só nos livretos, podem ser em cartazes, folders, entre outros.

Em relação a musicalidade Andrade (2005, p. 132) expõe que foram incorporadas pelos violeiros cantadores da cidade de Teixeira na Paraíba “a poesia do cordel de forma poética, típica dos desafios de viola”. Assim, segundo o autor, foi substituída a trova portuguesa pelas “[...] estrofes de seis, sete e dez versos, respectivamente: sextilha, septilha e décima (ou martelo); com esquema de rimas diferentes passaram a ser as formas poéticas próprias da existente poesia popular em verso”.

Nas leituras dos folhetos de cordéis observou-se que em alguns folhetos produzidos por esses autores, é possível notar que eles costumam inserir estrofes em acrósticos, isto é, “composição poética em que as letras iniciais dos versos formam, lidas verticalmente, palavras ou frases” (FERREIRA, 2001, p. 14).

Tavares (2008) diz que acrescentar acróstico ao final das estrofes seria uma maneira de identificar a obra, ou seja, demarcar a autoria daquele livreto, já que desde sempre existiu a usurpação de assinatura do folheto. O exemplo do folheto de cordel sobre a *História de Aracaju*, de Pedro Amaro (2006) mostra como acróstico é apresentado:

[...]

Pedro Amaro, Cordelista,
Escriveu **e**sta História
Descreveu toda memória
Respeito, Luta e Conquista,
O autor é Repentista
A cidade é um “chuchu”
Morro, Arara e Caju,
A Província e o Município
Representam no princípio
O que hoje é Aracaju.

Segundo Silva (2008, p.34) “os acrósticos foram criados pelos poetas do cordel a fim de garantirem a autoria de seus versos gravando seu nome nas letras iniciais da última estrofe do poema” Tavares (2008), acrescenta que ao utilizar o acróstico, os poetas produtores de cordéis acreditavam que seria mais difícil a usurpação do assunto do folheto de cordel, tanto que até hoje cordelistas, porém nem todos, ainda utilizam dessa técnica de “segurança”.

2.2 Fontes de informação sobre o cordel

A sociedade se depara com o aumento na produção da informação. Assim, houve a necessidade e depois a possibilidade de se registrar as narrativas até então transmitidas e repassadas para a população pela oralidade a partir da invenção da imprensa por volta de 1450. Assim, o cordel passou da expressão oral para a impressão, conforme aponta Camêlo (2013). Nesta perspectiva, observa-se que em algumas cidades do Brasil existem pessoas que criam determinados meios e ambientes apropriados para salvaguardar as produções cordelianas.

A literatura de cordel se tornou um instrumento de fonte de informação na apreciação da cultura popular nordestina e demais regiões brasileiras. Neste sentido, a Universidade Estadual de Londrina (UEL) no Paraná, em 2007, reuniu em um catálogo bibliográfico, em seu segundo volume, toda produção de cordel do acervo da biblioteca central, tornando-se o terceiro maior acervo de cordel organizado do mundo sendo o primeiro, no Japão e o segundo, na França, conforme Silva et al. (2007). A reunião das produções de cordéis para formar o catálogo bibliográfico da biblioteca central da UEL contou com o esforço da gestão, administração e funcionários da universidade com o objetivo principal de tornar acessível toda a produção existente sobre cordel no acervo da biblioteca central para o acesso de usuários e pesquisadores. Para facilitar a consulta ao catálogo foram elaborados índices com entradas para pesquisa por: autor, título, ciclo temático e biografia dos autores, levando o pesquisador, dessa forma, a encontrar o assunto desejado.

A autora Casa Nova (1982, p. 7) produziu um artigo sobre cordel e biblioteca abordando as dificuldades encontradas pelos professores pesquisadores em descobrirem obras de literatura de cordel nas bibliotecas públicas e nas universitárias para pesquisa e estudo sobre a cultura popular, considerado por ela “a identidade cultural e social do povo brasileiro”. A autora atribui essa deficiência à falta dos folhetos nas bibliotecas, pelo fato de o folheto de cordel estar em posse de particulares ou, ainda, pela falta de órgãos públicos que cataloguem e publiquem essas obras. Casa Nova (1982) ressalta que o acesso às produções de cordéis se torna tarefa difícil devido à ausência de órgãos institucionais dispostos no trabalho de classificar as obras de cordéis, ou ainda os espaços existentes, como a Fundação Casa Rui Barbosa – Rio de Janeiro; a Casa dos Artistas – Olinda; o

Instituto Cultural do Cariri – Ceará, entre outros, não estão ao alcance de todos devido à distância onde se localizam. Ela aponta, ainda, para a falta de classificação dos folhetos e ressalta que o estímulo à produção artística do cordel, naquela época, constituía uma urgência, principalmente para os pesquisadores e leitores da cultura popular que se valiam dela para a produção de trabalhos didáticos.

Neste aspecto, para a autora, a produção do cordel, chegando ao alcance de todos, representava uma forma de enriquecer o conhecimento dos estudantes das áreas urbanas sobre o cotidiano social das áreas rurais, pois, segundo ela, não adianta ensinar a bibliografia da literatura de cordel sem ter acesso aos folhetos. Mas, atualmente, a realidade é outra no que concerne ao alcance aos folhetos de cordel e já foram criadas instituições para este fim. O fato de trinta e poucos anos atrás não existirem produções de cordéis suficientes para serem consultados, como relata Casa Nova (1982), não significava de fato que estas produções não existiam. O que pode ter ocorrido dificultando a maior circulação dos livretos foi o alto custo dos meios de transportes no País e o alto preço da impressão desse material e, ainda, segundo ela, a não valorização dessa cultura popular por parte dos responsáveis pela manutenção da cultura literária, pois nesta época, já existia uma considerável quantidade de cordelistas produtores da poesia popular em versos, onde eram registrados de forma impressa: contos, romances, histórias de guerras, entre outros. Inclusive as cantorias e pelejas, que até então eram transmitidas de forma oral, passaram a ser registradas nos folhetos para não serem perdidas. É certo que atualmente o número de produções e a quantidade de folhetos aumentaram consideravelmente, tanto que também cresceu o número de ambientes depositários dessas obras. Desta forma serão destacadas algumas localidades criadas para tal finalidade.

No Rio de Janeiro na Rua Leopoldo Fróes, Bairro Santa Teresa, por exemplo, fica sediada a Academia Brasileira de Literatura Cordel – ABLC, ambiente responsável em manter as obras de literatura de cordel produzidas não só por autores brasileiros, mas também obras de autores de outros países. Foi fundada no dia 7 de setembro de 1988 e iniciou seu quadro de gestores com apenas três pessoas que eram cordelistas: o presidente, Gonçalo Ferreira da Silva; o vice, Apolônio Alves dos Santos e o diretor cultural, Hélio Dutra. Atualmente a gestão da ABLC é composta de 40 cadeiras de membros efetivos, sendo que um quarto delas está destinado a ser ocupado por membros naturais de outros Estados.

Em Sergipe e também em outros estados, com o aumento de poetas cordelistas e consequentemente de seus folhetos de cordel, criaram-se espaços também em algumas bibliotecas públicas com o mesmo objetivo: salvaguardar essas produções e torná-las acessíveis para o público pesquisador.

Em Aracaju a Biblioteca Pública Epifânio Dória, localizada na rua Leonardo Leite s/n no Bairro 13 de julho, abriga a Sala de Cultura Popular Manoel D'Almeida Filho lá são expostos vários itens, alguns relacionados à cultura popular nordestina, como a exposição permanente de brinquedos infantis feitos manualmente, objetos de artesanatos, livros e pequenos acervos de obras sobre o folclore, poesias, folhetos de cordel e uma exposição de quadro biografados de autores cordelistas. Este ambiente de informação está aberto ao público leitor e pesquisador todos os dias da semana. Lá, além de promover oficinas e palestras, recebe também alunos para visita orientada e visitantes para a realização de estudos e pesquisas de acordo com seus interesses pessoais e ou educacionais.

Já a “Casa do Cordel” está localizada na Rua João Sacramento, 450 no Bairro Luzia, Aracaju/SE sendo criada em 2013 pelos cordelistas Pedro Amaro, sua filha Izabel Nascimento (poetisa) e familiares. O espaço leva o nome do patriarca: Espaço Cultural Pedro Amaro do Nascimento, e conta com um vasto acervo de folhetos de cordéis, inclusive as obras cordelianas produzidas pelos membros da família criadora do espaço, pois, também são poetas cordelistas

Nas dependências da Biblioteca Pública Municipal Clodomir Silva, foi implantada a Cordelteca “Poeta João Firmino de Cabral”, a primeira de Sergipe, inaugurada em 2003; apesar de já existirem espaços depositários das obras de cordel em Sergipe, não se conhecia nenhum com essa denominação. Desse modo, atualmente a Cordelteca conta com um acervo de obras cordelianas com pouco mais de mil folhetos, alguns livros teóricos sobre o assunto e uma exposição permanente de fotos biografadas de autores cordelistas importantes, que são representantes da poesia popular no estado. Entre eles, encontram-se: poetas cordelistas, poetas cantadores ou repentistas, poetas precursores e poetas modernos da literatura de cordel, naturais de Sergipe e de outros estados. Assim, a literatura de cordel, em seu formato impresso e devido à sua importância no contexto social, informacional e educacional, está disponibilizada para o acesso de todos.

2.3 Fatores contribuintes para a predominância do cordel no Nordeste brasileiro

Os autores da literatura de cordel, ao chegarem ao Brasil, encontraram no Nordeste brasileiro ambiente sociocultural propício para o cordel se tornar uma literatura “peculiar” nessa região. Nesse sentido, uma das vertentes que confirmam essa versão seria pela chegada dos primeiros versos e cordelistas ao Brasil pelo interior litorâneo nordestino, onde ocorreu o encontro de diferentes culturas, como, por exemplo, do português com o africano escravo (LOPES, 1994).

Outra versão seria pelas condições socioculturais encontradas na região, apontada por Diégues Júnior (1975, p. 6 APUD LOPES, 1994 p. 12) da seguinte forma:

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bando de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas das famílias, deram oportunidades, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.

Observa-se através desta citação que a região Nordeste foi cenário de diversos acontecimentos marcantes registrados nas produções cordelianas e é importante ressaltar que não é só de acontecimentos históricos ou de grande repercussão que os cordelistas produzem os cordéis; eles fazem adaptações de histórias existentes e também criam suas próprias histórias.

Ainda sobre a predominância do cordel no Nordeste brasileiro as autoras Oliveira et al. (2011, p. 767) comentam que “o apogeu deste meio de comunicação no Nordeste predominou durante a política populista de Getúlio Vargas, nas décadas de 1940 e 1950, quando houve um maior número de publicações”. Ou seja, surge daí aumento no volume de cordéis produzidos e impressos aqui no país. Em suas histórias escritas, de modo geral, os folhetos retratam disputas, vidas de personagens e pessoas que marcaram a história de cidades e trazem assuntos diversos, como as temáticas sobre as agressivas disputas por terras, as secas

históricas dos sertões nordestinos, a saga e o fim do cangaço e da turma de Lampião, vida e as histórias de milagres do padre Cícero, a luta por igualdade econômica e social de Antônio Conselheiro, entre outros acontecimentos. E ainda com enfoque também na área da saúde, dentre estas, amamentação, HIV/Aids, diabetes, saúde da mulher, etc. Assuntos nesta área são muito interessantes para serem retratados nos folhetos de cordéis ou em outros materiais com o formato de rimas, pois representam meios de comunicação passíveis de auxiliar na promoção da saúde, empoderando as pessoas a construir autonomia e crescimento próprio, conforme Oliveira et al. (2011).

Esses folhetos, antigamente, segundo registro de autores como Lopes (2004) e Andrade (2005) eram, geralmente, vendidos por cegos, a baixo preço, pendurados ou presos a cordéis, cordão ou corda. Quanto ao privilégio cedido aos cegos de venderem o folheto de cordel, lhes foi concedido por provisão régia, conforme relata Diégues Júnior (1975) e Andrade (2005). Ainda hoje sabe-se que, tanto no Nordeste como nas demais regiões do país, predomina a venda dos folhetos de cordel a preço baixo, expostos em banca nos mercados e feiras livres.

Os fatos históricos transcritos nos folhetos serviam como forma de divulgação das narrativas tradicionais, onde os autores, no auge de suas produções, mesclavam a linguagem clássica e erudita a uma linguagem popular, acessível para o público, nesse sentido entende-se o cordel “não só como uma expressão poética, mas também como uma resistente fonte de informação e disseminação da mesma, que sobreviveu ao longo do tempo, registrando, informando e divertindo gerações” (SILVA, 2012, p.61).

No que concerne às localidades que produzem obras de literatura de cordel, observa-se não só no Nordeste, mas também em todo território brasileiro. Nesse sentido, Silva (2013) realizou um trabalho de pesquisa no território do litoral sul da Bahia sobre os municípios que produzem o cordel e contabilizou treze cidades do estado baiano. Seu trabalho baseou-se em uma pesquisa desenvolvida sobre as manifestações artísticas de comunidades oriundas do interior do Sul da Bahia e seu objetivo consistiu num mapeamento sobre suas manifestações culturais. Assim, ela aborda uma das principais tradições artísticas da cultura daquela localidade, a literatura de cordel e, a partir de seus estudos investigativos, observou que os folhetos produzidos por autores daquela localidade trazem temáticas que abordam narrativas fictícias e socioculturais, políticas, histórias da região cacauífera, entre

outras. A autora constatou que a produção de cordel nesse espaço é resultado principalmente da “influência das tradições indígenas e africanas, mescladas por elementos da cultura de outros povos, a exemplo dos portugueses, frutos da nossa formação histórica” (SILVA, 2013, p. 8). Ainda em sua pesquisa, a autora não só especifica localidades produtoras de cordel como também os principais poetas cordelistas responsáveis por desenvolverem seus conteúdos e suas principais produções, que além de trazerem assuntos que englobam todos os ciclos temáticos, também direcionam atenção especial para suas cidades e regiões rurais e para os cordelistas naturais do estado, sendo utilizados, assim como fontes de inspiração para a criação poética de cordel.

2.4 Ciclos temáticos da literatura de cordel

A literatura de cordel, genericamente, está dividida em ciclos temáticos por ser extremamente diversificada. Então, foi dessa forma que surgiram as necessidades e as tentativas de classificar os assuntos abordados. Mas até chegar onde se conhece o cordel hoje, houve tentativas de classificação dos folhetos de cordéis, onde cada autor, ao seu tempo, buscou uma forma de classificar os folhetos, mas sempre seguindo exemplos de outros autores nas mesmas perspectivas, conforme Lopes (1994)

Assim, Silva (2012) em Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco – EUFPE - buscou apresentar o cordel nas variadas formas de criação, apresentação e disseminação como registro de acontecimentos. Buscando descrever a produção da literatura de cordel pelos poetas pernambucanos. Desse modo, a autora traz em seu trabalho um dos enfoques de fundamental importância: a classificação dos assuntos dos folhetos de cordel. Para a autora citada, a classificação do cordel como forma de representação da informação faz-se necessária e ela comenta: “buscamos entender como se dá a contribuição da classificação nas áreas do conhecimento (como a Biblioteconomia e a Filosofia) e na literatura de cordel” (SILVA, 2012, p. 49).

A classificação da temática na literatura de cordel foi alvo de estudo por autores preocupados em categorizar os assuntos dessa poesia popular. Então, conforme Diégues Júnior (1975), nos séculos XVII e XVIII, a classificação se deu na

Espanha, por Julio Caro Baroja e, na França, por Robert Mandrou. Aqui no Brasil, a primeira tentativa de classificação dos folhetos foi de Leonardo Mota, por volta de 1921. A Fundação Casa Rui Barbosa buscou uma forma de categorizá-los por grupo, liderado por Cavalcante Proença que ao final foi um modelo predominante para posteriores classificações como, de fato, ocorreu. Nesse sentido, Diegues Jr (1975, p. 11) expõe que “é realmente um quadro amplo, entrando em pormenorização bastante expressiva para um melhor conhecimento da produção de literatura de cordel”. O autor traz em sua obra a exemplificação elaborada por ele mesmo da então classificação sugerida de Cavalcante Proença e Ariano Suassuna, abrangendo, também, a classificação de Orígenes Lessa, dos diversos temas, divididos em três grandes grupos e suas subdivisões, conforme Diegues Jr (1975, p. 13)

1) Temas tradicionais.

- a) Romantismos e novelas;
- b) Contos maravilhosos;
- c) Estórias de animais;
- d) Anti-heróis;
- e) Tradições religiosas

2) Fatos circunstanciais ou acontecidos.

- a) Manifestações de natureza física;
- b) Fatos de repercussão social;
- c) Cidade e vida urbana;
- c) Crítica e sátira.

3) Cantorias e pelejas.

As cantorias envolvem a declamação dos versos já registrados, retransmitidos em forma cantada. Já a peleja são repentes envolvendo dois cantadores numa espécie de desafio acompanhado de viola, e em alguns casos, por rabeca. Outro aspecto da cantoria, segundo Diégues Júnior (1975, p. 19), “é a provocação de temas de história ou de geografia, de história sagrada ou de mitologia, de modo a diversificar o mais possível o assunto”. Essa classificação supracitada foi uma forma encontrada para melhor identificar os assuntos abordados nesta literatura tão diversificada no que concerne a suas características temáticas seja na cantoria ou nos folhetos. Nesse sentido, para uma melhor identificação dos assuntos trabalhados nas produções do cordel, Lopes (2004, p. 21) ainda ressalta que “há

classificação mais abrangente para a literatura popular em versos, envolvendo a poesia oral dos cantadores, ao lado da literatura impressa, o cordel. E há classificações mais restritas, limitadas apenas aos folhetos”.

Silva (2013, p. 4) descreve em sua pesquisa estudos sobre os ciclos temáticos e os apresenta em avulsos, assim esquematizados: ciclo heroico; ciclo histórico; ciclo maravilhoso; ciclo religioso e de moralidade; ciclo de amor e de fidelidade; ciclo cômico e satírico e ciclo circunstancial. Cada um desses ciclos representa a inclusão de um determinado assunto em sua peculiaridade. O ciclo religioso, por exemplo, aborda todos os assuntos relacionados a personagens e a histórias cristãs. Portanto, observa-se, dessa forma, que a classificação da temática do folheto de cordel, foi e continua sendo alvo de preocupação para autores interessados em fazer do cordel meio de comunicação informacional da prática existente no meio social. Como já mencionado anteriormente.

Ainda, conforme Silva (2013), o Nordeste, sendo constituído de múltiplas variações em todo seu contexto ambiental, regional e populacional, apresenta a literatura de cordel em três modelos bem característicos: o cordel da área rural; o cordel das áreas urbanas e o cordel das metrópoles. Para ela, cada um desses termos adquire seu grau de relevância devido ao contexto em que é criado. O cordel rural, por exemplo, denota histórias, nos folhetos mais antigos, voltadas para realidade histórica do povo interiorano, de suas vidas, seus ofícios, problemas econômicos, violências, descasos públicos e de sua prevalência no conservadorismo. O cordel urbano é conservador, porém mais aberto para mudanças e inovações, mas não deixa de transmitir na poesia o sistema de vida urbana e de tratar de assuntos inerentes àquela localidade onde se encontram. O cordel das metrópoles se desenvolve a partir do conhecimento do homem do campo que passa a viver nos grandes centros urbanos.

Silva (2012, p. 54) em sua pesquisa, abordou a classificação elaborada por autores, como o poeta acadêmico Ariano Suassuna e o poeta popular Irani Medeiros. Desse modo, apresentou como esses autores classificaram os ciclos temáticos da literatura de cordel. A citação abaixo mostra a esquematização da classificação feita pelo autor Ariano Suassuna:

Ciclos Temáticos:

a. Ciclo Heroico, Trágico e Épico

- b. Ciclo do Fantástico e do Maravilhoso
- c. Ciclo Religioso e de Moralidades
- d. Ciclo Cômico, Satírico e Picaresco
- e. Ciclo Histórico e Circunstancial
- f. Ciclo do Amor e de Fidelidade
- g. Ciclo Erótico e Obsceno
- h. Ciclo Político e Social
- i. Ciclo de Pelejas e Desafios

Tipologias dos Poetas Populares:

- a. Poetas de loas e folhetos
- b. Cantador de repente
- c. Poeta de estro, cavalação e reinação
- d. Poeta de sangue
- e. Poeta de ciência
- f. Poeta de pacto e estrada
- g. Poeta de memória
- h. Poeta de planeta

Tipologia dos Romances

- a. de amor
- b. de safadeza e de putaria
- c. cangaceiros e cavalarianos
- d. de exemplo
- e. de espertezas, estradeirices e quengadas
- f. jornaleiros
- g. profecia e assombração

Silva (2012, p. 55) traz a outra forma de classificação dos folhetos sugerida pelo poeta Irani Ribeiro, onde mostra a divisão de assuntos e seus respectivos significados como forma de representação da informação:

- a. da utopia: folhetos cujos assuntos fogem à realidade
- b. do marido logrado: folhetos que tem como tema o marido enganado, o corno, chifrudo
- c. do demônio logrado: folhetos sobre o diabo que é por todos enganado
- d. dos bichos que falam: folhetos que exploram o tema dos bichos que falam, algumas vezes, verdadeiras lições de moral aos homens
- e. erótico da obscenidade: folhetos que têm o sexo como temática, representado simbolicamente por muitos de seus apelativos usados no Nordeste, como banana, macaxeira, fumo, quiabo, linguiça, dentre outros.
- f. de exemplos e maldições: folhetos que falam de pessoas que se transformaram em bichos por haverem profanado o sagrado.
- g. heróico fantástico: folhetos que contam as bravuras dos cangaceiros e dos amarelinhos que ninguém dá nada por eles mas que são capazes de lutar e vencer homens fortes.
- h. histórico e circunstancial: em que os poetas populares tomam conhecimento do cotidiano local, regional, nacional e universal.
- i. do amor e bravura: onde o amor e bravura são representados por folhetos que exploram “o ranço do romanesco medieval”.

j. cômico satírico: folhetos em que a comicidade e a sátira estão presentes, até mesmo no ciclo heróico, nos desafios, nas pelejas.
 k. da súplica: é uma espécie de oração, mais dirigida a Deus, aos santos, etc. l. de lamúria: o abatimento físico ou moral por causa das vicissitudes da vida.

Assim, conforme Silva (2012, p. 54), “tanto Ariano Suassuna quanto Irani Medeiros classificam a literatura de cordel por ciclos temáticos”.

Outro exemplo de classificação exposto por Silva (2012, p. 58) é a da autora Albuquerque, onde ela apresenta 27 categorias para a classificação bibliográfica, assim divulgada:

Agricultura, Biografias e Personalidades, Bravura e Valentia, Cidade e Vida Urbana, Ciência, Contos, Crime, Cultura, Educação, Esporte, Erotismo, Feitiçaria, Fenômeno Sobrenatural, História, Homossexualismo, Humor, Intempéries, Justiça, Meio Ambiente, Moralidade, Morte, Peleja, Poder Político e Social, Religião, Romance, Saúde e Doença.

Observa-se que os autores citados buscaram classificar os conteúdos da literatura de cordel categorizando cada temática no meio onde foram criados e sempre no intuito de torná-los mais conhecidos.

Dando prosseguimento ao trabalho, serão apresentadas, no capítulo seguinte, informações sobre alguns principais cordelistas precursores destacados na literatura popular e também alguns sergipanos, com suas obras e trajetórias.

2.5 Cordelistas destacados na literatura

Os artistas mais antigos de que se tem conhecimento e os primeiros a transmitirem a literatura de cordel foram os trovadores, jograis e menestrelis, conhecidos por cantadores ou trovadores e animadores de eventos. Naquela época, eles eram “responsáveis” por levar para a população por onde passavam, informações sobre acontecimentos históricos, músicas, novidades vistas nos lugares que visitavam, entre outros, sempre de forma oral, cantada ou na forma de apresentação teatral.

Conforme Andrade (2005, p.128)

[...] eram cantadores ou poetas andarilhos que viajavam de corte em corte, de cidade em cidade, divertindo o povo, os nobres e os reis com sua arte, que combinava poesia, música, mímica e drama, e era, ao mesmo tempo, divertimento e informação.

Estes artistas eram vistos, pela população com admiração e respeito e eram sempre bem-vindos e aclamados nos lugares aonde chegavam, pois sua chegada representava momentos de descontração e alegria.

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC - disponibilizou em seu site uma lista com os nomes e biografias de grandes cordelistas brasileiros que foram de fundamental importância para a propagação da literatura popular de cordel em todo território do país. Observa-se que a maioria dos citados são naturais do Nordeste brasileiro, mais precisamente do estado da Paraíba. Entre eles, destacam-se alguns nomes, como: João Martins de Athayde; Leandro Gomes de Barros; Manoel d'Almeida Filho; Patativa do Assaré e Silvino Pirauá; considerados como os precursores da literatura de cordel no Brasil.

De acordo com Silva (2013, p. 3) no Brasil, o ano de 1830 - devido ao surgimento de muitos poetas - “é considerado, historicamente, o ponto de partida da poesia popular nordestina, com grandes nomes florescendo na década de 1860 (...)”. Em meados desta data, foram registrados os nascimentos de “Ugulino de Sabugi – o primeiro cantador que se conhece – e seu irmão Nicandro, ambos filhos de Agostinho Nunes da Costa” (LOPES, 1994, p 18). Ainda segundo Lopes (1994), o poeta Silvino Pirauá de Lima (1848-1913), também cantador, foi um dos primeiros a compor versões rimadas de contos tradicionais.

Tavares (1994) cita que o século XIX foi marcado pelo surgimento de um grande número de poetas no Nordeste brasileiro e que hoje são considerados os primeiros “Grandes Mestres” do cordel. Alguns eram violeiros e repentistas; outros apenas escreviam versos. Nas palavras de Barroso (2006) os cordelistas brasileiros são herdeiros dos trovadores, menestréis e outros poetas que transmitiam a literatura de cordel em forma cantada nas feiras, praças e ruas. Conforme Tavares (1998, p 73), “entre eles estão Ugolino Nunes da Costa (1849-1895), Germano da Lagoa (1842-1904), Silvino Pirauá de Lima (1848-1913) e Leandro Gomes de Barros (1865-1918)”.

Andrade (2005, p.131) cita um dos cordelistas antigos, que faz parte do grupo dos grandes mestres “[...] o paraibano Leandro Gomes de Barros se destaca por ser

considerado o primeiro autor popular a imprimir e vender histórias em versos na forma de folhetos, o que ocorreu por volta de 1890”. Durante sua existência, foi autor de mais de mil histórias, publicando-as todas. Diégues Júnior (1975, p. 15) o considera como “verdadeiro patriarca da nossa literatura de cordel”. As produções de Leandro Gomes de Barros se classificam em uma imensa variedade de temas e são, dessa forma, distribuídos nos ciclos temáticos, ocupando cada um dos espaços da categorização em que os ciclos se apresentam.

Silva (2012, p.101) reforça sobre a contribuição do poeta Leandro Gomes de Barros na literatura de cordel brasileira da seguinte forma:

Leandro Gomes de Barros foi um importante poeta da primeira geração do cordel, e está classificado como poeta pioneiro pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Nascido em 1865, natural da Paraíba, o poeta viveu durante muito tempo em Recife onde vendeu muitas de suas obras. O poeta faleceu em 1918, deixando um rico acervo da Literatura de Cordel e a memória dos primeiros passos do cordel no Brasil, já que o autor é um dos pioneiros da literatura popular no Brasil.

Por essa abordagem, relacionada à trajetória do poeta, um dos fundadores da cultura popular brasileira, e por ter nascido no dia 19 de novembro, esta data é comemorada o Dia do Cordelista, em homenagem ao poeta.

Outro notável cordelista e cearense é o poeta Antônio Gonçalves da Silva, que mesmo antes de se tornar poeta reconhecido, já declamava seus versos em cantorias ou pelepas com colegas na viola. Por ser cantador e sua voz se destacar das demais, ficou conhecido como Patativa do Assaré. Patativa é uma ave de canto bonito, imitador do canto de outros pássaros e Assaré é a cidade de origem do poeta (ASSARÉ [1990?]).

Patativa é autor de várias publicações de poesias e, entre elas, incluem-se também narrativas que denunciavam os flagelos humanos, ou seja, as mazelas decorrentes dos gestores da época. Em suas produções poéticas, demonstrava seu imenso amor e respeito pelos elementos da natureza e pelos cenários naturais que fizeram parte de sua infância.

Outro fator interessante a se notar na vida do autor é o fato de ele possuir pouca formação escolar e, mesmo assim, ser considerado analogicamente com autores eruditos, pois suas obras mesclam poemas numa linguagem popular e erudita. Assaré (2006).

Silva (2013, p.10) traz em seu artigo um estudo descritivo sobre: *História e Cultura popular na literatura de cordel do território de identidade litoral sul da Bahia*. E para representação no gênero poético de uma linguagem própria e de sabedoria secular, a autora faz uma explanação sobre Patativa do Assaré, elencando suas obras da seguinte forma:

Tem inúmeros folhetos de cordel e poemas publicados em revistas, jornais e livros, unanimemente reconhecidos como o poeta mais popular do Brasil. Cantou em verso e prosa os contrastes do sertão nordestino e a beleza dessa região, sendo considerado um sertanejo universal. Embora tenha passado apenas seis meses na escola, recebeu o título de Doutor Honoris Causa em várias universidades brasileiras. Na diversidade temática de sua poesia, trata do ambiente em que viveu, da vida cotidiana do agricultor, da modernidade e seus impactos, das relações de trabalho camponesas, do sistema fundiário, do sertão e sua gente, entre outros assuntos, entrelaçando o local e o global, em insolúvel e criativo conflito. Sua obra tomou vulto na forma de vários livros publicados, desde *Inspiração Nordestina*, de 1956, ao seu livro mais conhecido, *Cante Lá que eu canto cá*, do final da década de 1970.

A justificativa para tanta inteligência e criatividade do autor atribui-se a sua surpreendente capacidade de memorização, pois ele desde cedo já lia Camões, Castro Alves, Olavo Bilac, José de Alencar, Machado de Assis, entre outros. Dessa maneira, absorveu, desses ilustres autores literários, elevado nível de capacidade de produzir seus próprios poemas em linguagens distintas (ASSARÉ [1990?]).

Pelo fato de ser apresentada numa linguagem popular e de fácil entendimento, a literatura de cordel, em seu estilo poético peculiar, é utilizada na reprodução de qualquer assunto. Sendo assim, o poeta cordelista discorre em sua produção cordeliana, com adaptação em rimas, de assuntos diversos sem interferir na originalidade do conteúdo em questão, ou seja, usa quando necessário uma linguagem mais coloquial para adaptar o ritmo da rima. Dessa maneira, realiza apenas adaptações para torná-lo legível e, como exemplo dessa exposição tem-se a reprodução da obra *História de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, adaptada pelo cordelista Assaré (2002). A obra, em sua versão original, é considerada um grande clássico da literatura, com abrangência universal, mas, sua reprodução em literatura de cordel numa linguagem simples, torna-a acessível ao entendimento de todos, sem perder, portanto, a originalidade, isto é, os aspectos inerentes da criação original quando da necessidade de uma adaptação da linguagem erudita para a

aproximação da linguagem popular informal mantém suas características ou ainda adaptar as frases para se enquadrarem nas rimas (TAVARES,1998).

Observa-se que não só em Pernambuco, Ceará ou na Paraíba existem notáveis poetas cordelistas. Em Sergipe encontram-se também autores cordelistas com talentos poéticos nas produções de folhetos de cordéis e de ações em prol do aprimoramento informacional da sociedade. Neste sentido, a pesquisa apresentada destaca alguns deles.

O poeta sergipano Francisco Passos Santos, conhecido como Chiquinho do Além Mar, é cordelista e formado em Letras Português/Inglês e Pós Graduado em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa. Autor de vários livretos de cordéis desenvolveu um trabalho de pesquisa sobre *A história de Sergipe contada em versos*, onde ele busca contar a história do Estado de Sergipe em rimas de cordel, tornando-se, desse jeito, uma forma descontraída de se obter informação. Para produzir a obra citada, não tendo formação acadêmica em História, o autor se apropriou do conhecimento próprio, exaustiva pesquisa bibliográfica, como fontes da historiografia sergipana, e entrevistas no intuito de obter informações acerca da história do Estado de Sergipe. Santos (2013).

Santos (2013) divide sua obra em quatro partes, abordando os fatos ocorridos em Sergipe de acordo com período colonial. Primeiro o autor fala sobre *A invasão portuguesa e a conquista de Sergipe em 1590*. Nessa parte são narrados os acontecimentos a partir da chegada dos portugueses pelo litoral sergipano. Ali os portugueses encontraram os índios, primeiros habitantes locais, entre eles se destacavam as tribos dos Aperipês e dos Serigy. Foi travada, uma luta sangrenta entre os invasores e os índios, porém antes do início das lutas armadas, houve tentativas por parte do governo Português de se unirem aos nativos no intuito de tirarem proveito para si. Em prosseguimento da obra são destacados fatos sobre as lutas, costumes, crenças, tradições e o comércio feitos entre os indígenas e outros habitantes do Estado. Em continuidade da obra, Santos (2013) descreve também sobre o *Período em que a Holanda ocupou Sergipe no século XVII*, segunda parte de seu trabalho. Depois fala sobre *A mudança da capital na visão de João Bebe Água* e por último descreve sobre *Os ataques do submarino Alemão no litoral de Sergipe em 1942*. Ao abordar a trajetória da História de Sergipe em versos de cordel o autor objetiva atrair a atenção do público para a leitura dos acontecimentos dos nossos antepassados numa tentativa de ampliar o conhecimento do público leitor.

Assim, a literatura de cordel, considerada poesia popular impressa como já vista, visa descrever e transmitir em suas produções todos os tipos de assuntos de interesse, tanto para quem as produz como para quem provavelmente lerá esses folhetos. Desta forma, eles variam apenas de região para região e levam ao conhecimento do público em geral as riquíssimas manifestações culturais do Nordeste brasileiro, no que concerne a suas tradições folclóricas, de cultura popular e também da cultura erudita.

O poeta Pedro Amaro é natural de Pernambuco, mas reside em Aracaju há 50 anos. É ex-professor de Cursos Técnicos do SENAI-SE em refrigeração industrial e do SENAC-SE em relações humanas. O poeta é também repentista, já escreveu dezenas de livros de literatura de cordel em vários temas, entre eles; *A história de Patativa do Assaré*; *História da cidade de Aracaju*; *História das festas de São João* – festa junina típica do Nordeste brasileiro. Suas produções se enquadram nos ciclos temáticos, pois envolvem vários gêneros poéticos e abordam assuntos diversificados. Em sua trajetória de professor de cursos técnicos e cordelista, o poeta já adquiriu uma série de diplomas e certificados de cursos profissionalizantes como segurança do trabalho e poesia. Inclusive, em 2008, recebeu o título de cidadão aracajuano pela Câmara Municipal de Aracaju. Já foi eleito primeiro colocado em concurso de literatura de cordel realizado pela prefeitura de Aracaju, em 2002; foi membro da comissão organizadora do II festival aracajuano de Violeiros Nordestinos, realizado pela universidade Federal de Sergipe - UFS, SESC e Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Esportes Prefeitura Municipal de Aracaju- FUNCAJU-PMA¹, e atualmente dirige o espaço criado por ele sua família, Casa do Cordel. Amaro, em 2006, produziu um livreto de cordel abordando a história da capital aracajuana desde sua criação, em todos seus aspectos peculiares, até a data de seu aniversário de cento e cinquenta e um (151) anos e, em 2005, produziu em literatura de cordel a trajetória do pontífice *João Paulo II*; *pontificado de João Paulo II*, trazendo em sua obra um panorama completo de sua existência desde o nascimento até o pontificado e falecimento. Recentemente, em 2013, o autor e sua família inauguraram um espaço cultural que leva o seu próprio nome, Pedro Amaro do Nascimento, mas atualmente o espaço ficou conhecido como Casa do Cordel.

¹ NASCIMENTO, Pedro Amaro do. *A história de Patativa do Assaré: A Terra é naturá*. Aracaju 2010. (Informações extraídas do folheto de Literatura de Cordel).

Outro cordelista e sergipano que teve grande contribuição na literatura de cordel é o poeta João Firmino de Cabral. Nascido na cidade de Itabaiana em 1940, começou a ler e escrever aos dezessete anos com a ajuda de seu mestre, o poeta Manoel d'Almeida Filho, quando descobriu sua vocação pela poesia e assim escreveu seu primeiro folheto intitulado “*Uma Profecia do Padre Cícero*”. Autor de diversas obras, suas temáticas envolvem assuntos relacionados à preservação da natureza, personagens bíblicos, como *as aventuras de Davi e o gigante Golias*. Também escreveu sobre *Luiz Gonzaga rei do baião*; sobre *Lampião o rei do cangaço*, entre outros. João Firmino Cabral, em um de seus livretos de cordel, faz uma homenagem de despedida pela morte de um grande poeta de sua admiração, o pernambucano Patativa do Assaré. No folheto intitulado *Adeus ao Patativa*², o autor Cabral assim o descreve:

O Nordeste está de luto
Como quem perde um troféu
Porque nosso Patativa
Da vida rompeu o véu
Sua existência se encerra
Deixou de cantar na terra
Agora canta no céu.

Só com noventa e três anos
De alegria e tristeza
Depois de encher o Nordeste
De poesia e beleza
Patativa viajou
Porém na vida cantou
As fases da natureza

Seus poemas foram tantos
Que não soube a quantidade
Cantou o Sertão em versos
Amou a sua cidade
Dela nunca se afastou
Nela o seu corpo ficou
Para toda eternidade

Foi um humilde roceiro
Amava a agricultura
Nunca esqueceu da enxada
Enfrentando a vida dura
Na trajetória do artista
Também foi bom repentista
Honrando a nossa cultura.

² CABRAL, João Firmino. *Adeus ao Patativa*. Aracaju (2005?). (Folheto de Literatura de Cordel)

João Firmino Cabral faleceu em fevereiro de 2013 e poetas cordelistas atuantes da Academia Brasileira de Literatura de Cordel - ABLC, com sede no Rio de Janeiro e demais autores de outras cidades e também do Nordeste prestaram homenagem ao autor produzindo uma obra de cordel intitulada *João Firmino Cabral; uma homenagem (in memoriam)*³

Mais um poeta que parte
para o plano espiritual
um cordelista atuante
um amigo especial
que deixou grande legado
Jesus, acolha ao seu lado -
João Firmino de Cabral

Em Sergipe ele nasceu
e ali mostrou seu brilho
foi discípulo do grande
Manoel d'Almeida Filho
das lições, que escutou
grande proveito tirou
pois jamais saiu dos trilhos

[...]

A partir dessas acepções, observa-se que a obtenção do gênero poético e criativo do cordel não se trata de uma característica peculiar direcionada somente aos poetas dos primórdios de outros países ou aos precursores da poesia aqui no Brasil. Autores jovens, sejam eles descendentes de poetas ou não, também podem desenvolver ou mesmo adquirir esse dom poético e, assim, expandirem suas próprias produções artísticas relacionadas à literatura de cordel.

Os modernos poetas autores de cordéis elaboram os folhetos obedecendo sempre às suas características métricas originais e trazem conteúdos que têm como objetivo a conscientização da população para um fato de preocupação geral e ainda “consiste numa forma de conhecimento que produz conteúdos importantes para serem inseridos nos mais diversos contextos educacionais” (OLIVEIRA, 2013, p.16).

³ MELO, João Batista (Org.). João Firmino de Cabral: In memoriam. Rio de Janeiro, 2013. (Folheto de Literatura de Cordel)

2. 6 A Ciência da Informação e a literatura de cordel

No atual contexto a CI discute e evidencia a construção e a disseminação da informação em seu sentido mais amplo, determinando assim, a socialização da informação e nela se insere o cordel, como instrumento difusor dessa disseminação.

A literatura de cordel, utilizada como recurso informacional na educação, amplia o grau de conhecimento linguístico popular e é capaz de desenvolver no público o senso crítico e, principalmente, o incentivo à leitura no aluno.

O cordel na sua modalidade literária é considerado “gênero discursivo linguístico escrito e oral”. Silva (2008, p. 11), e dessa forma, é frequentemente utilizado em trabalhos do ensino fundamental, médio e superior, e também em atividades extraclasse com vista ao alcance, não só dos educandos, mas do público em geral e, nesse sentido, é bastante inserido em pesquisas e projetos como recurso didático pedagógico nas diversas áreas do conhecimento.

Nesta concepção, a biblioteca juntamente com o profissional bibliotecário e o professor educador utilizam metodologias com aplicação do cordel na educação, como instrumento imprescindível e mediador da informação, ou seja, o cordel funciona como “ponte” entre o professor e o bibliotecário, mediadores da informação e o aluno público ouvinte. Essa afirmativa pode ser reforçada pelas autoras Belisario e Albuquerque (2015) no trabalho intitulado “Cordel no Espaço Escolar” por considerarem que o cordel é visto como suporte primário na alfabetização da população. A pesquisa das autoras se voltou para uma investigação sobre o impacto que um projeto apresentado por elas, com o uso do cordel, causou tanto na biblioteca como na sala de aula onde o mesmo foi aplicado, principalmente porque, segundo elas “o cordel tem exercido grande influência no acesso à leitura por parte dos brasileiros” (BELISARIO E ALBUQUERQUE, 2015, p. 251).

As autoras acrescentam que a literatura de cordel é um recurso informacional facilitador na sala de aula, pois,

Através dos folhetos de cordel, os saberes e a cultura são difundidos com mais facilidade. Isso acontece porque os cordéis possuem estrutura simples e textos de fácil entendimento. Os escritos contidos nos folhetos tornam as aulas mais dinâmicas, cujos temas podem ser utilizados em várias disciplinas escolares, como também incentivar o professor no desenvolvimento de atividades como: contação de histórias, peças teatrais, cinema, oficinas de desenho e na didática

da aula com a leitura de folhetos sobre o assunto abordado. (BELISARIO ALBUQUERQUE, 2015, p. 251).

Em relação ao projeto concluíram que o cordel influenciou integralmente no incentivo à leitura

despertou nos professores e alunos a importância para valorização da cultura, ao deixar em cada escola a riqueza cultural que representa o cordel e as inúmeras atividades didáticas que podem ser realizadas com este suporte (BELISARIO E ALBUQUERQUE, 2015, p. 275).

Em relação ao impacto causado com o projeto aplicado na escola acrescentaram que houve aproximação professor/aluno e comunidade escolar. Desta maneira, percebe-se que o desenvolvimento de pesquisas utilizando o cordel como fonte informacional está ganhando espaço na atualidade em ambientes educacionais.

A Ciência da Informação, por sua vez, facilita o processo de informação e comunicação nas variadas áreas do conhecimento e contextos. Silva (2012, p. 22) informa que “os estudos da CI têm apontado para novas considerações dos paradigmas e buscam estudar o indivíduo em sua necessidade de uso da informação, situado em um sistema complexo”. E ainda, de acordo com Belisario e Albuquerque (2015) a CI em sua contemporaneidade discute não só a disseminação e o acesso à informação como também o uso que o indivíduo faz ou pode fazer da interpretação dela. Como o cordel é considerado fonte de informação, a CI tem contribuído para evidenciar as informações que estão sendo expostas nos trabalhos de pesquisas desenvolvidos a partir da produção e da transferência da informação sobre a arte cordeliana dentro e fora dos limites acadêmicos. Assim sendo, Silva (2012, p. 28) considera que

[...] estudar a literatura de cordel é aventurar-se num diálogo entre o saber científico e o saber popular. O trabalho de identificar a apropriação e produção da informação por grupos populares e sua memória é cumprir o que a ciência contemporânea se propõe, e dialogar com as possibilidades.

O cordel, na visão de Silva (2012), é considerado fonte documentada criada pelos poetas populares onde se registra a memória de um povo utilizando-se da poética para sua divulgação. Neste sentido, no processo de transferência da

informação, em seus diversos suportes, entende-se que “[...] o curso de biblioteconomia que tem como uma de suas funções mais importantes fazer a mediação entre informação e leitor [...]” (BELISARIO E ALBUQUERQUE 2015, p. 275), tem no cordel um instrumento capaz de intermediar informação e aprendizado para o aluno pelo mediador, na figura do professor, do cordelista, ou de pessoa com habilidade e competência para isso, onde se inserem, também, os bibliotecários. Para Rasteli (2013, p. 31) o processo de mediação é visto como a maneira eficiente para adquirir “[...] habilidades cognitivas, para aprender a aprender, desenvolvendo assim, plenamente as potencialidades”. Observa-se, desta maneira, que isso envolve a apropriação de competência no uso do folheto cordel por parte dos educadores como recurso didático.

A mediação, junto ao papel desempenhado pela biblioteca, fortalece a percepção da necessidade da atuação do profissional bibliotecário na intermediação dos saberes em todos os processos bibliotecários e isso sustenta a afirmativa de que “a mediação cultural manifesta-se na emergência de uma ou várias linguagens, de um sistema de representação comum a toda uma comunidade, a toda uma cultura”, conforme atesta Rasteli (2013, p. 28). Neste sentido, a mediação de leitura com o uso de variados materiais informacionais e realizada tanto pelo profissional bibliotecário como pelos educadores, favorece positivamente o entendimento e a absorção da informação do público ouvinte.

Rasteli (2013, p. 31) acrescenta que “o bibliotecário mediador propiciará uma relação que facilitará a aprendizagem e ajudará a organizar o contexto em que o sujeito se desenvolverá”. No caso específico deste trabalho de conclusão de curso, entende-se que não só o bibliotecário, mas também o poeta educador se interpõem entre o conteúdo a ser ensinado e o educando ouvinte, no intuito de criar para o mesmo um valor concreto das ideias expostas e a formação do senso crítico para melhor compreensão da realidade que o cerca.

Assim, a atuação da CI no processo de investigação e divulgação da informação e do conhecimento produzido promove, também, a produção do saber popular, nesse caso o cordel, pois o mesmo se constitui de mais um recurso informacional bastante utilizado no contexto educacional por professores, monitores, bibliotecários e cordelistas e, também, pelos admiradores dessa cultura popular.

Em continuidade, será apresentado, o capítulo que trata da Metodologia, onde se demonstra como o trabalho foi desenvolvido para atingir aos objetivos propostos.

3 METODOLOGIA

Gil (1996, p. 19) define pesquisa “como procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. E comenta que a metodologia é a parte mais complexa de um projeto de pesquisa a ser considerada no momento da redação. O autor traz ainda instrumentos usuais utilizados nas técnicas de coleta de dados, como: o questionário, que segundo ele, “[...] entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado [...]”, e será elaborado conforme a tradução dos objetivos específicos com perguntas relacionadas ao problema da pesquisa.

O questionário é um dos métodos de coletas de dados mais utilizados, pois através dele podem-se adquirir as respostas necessárias preenchidas pelo próprio informante. Para a elaboração deste trabalho, será adotado o questionário a partir da elaboração de um roteiro pré-estruturado, pois se constitui em um importante instrumento para obter as informações junto aos cordelistas educadores.

Para Cervo e Bervian (2002, p 36), o método, na metodologia, é o conjunto das diversas etapas ou passos dados para a construção da pesquisa, onde “esses passos são as técnicas”.

Essa pesquisa é essencialmente qualitativa por “[...] estudar a complexidade do e totalidade do objeto estudado [...]” levando em conta a subjetividade do pesquisado e pesquisador, dando ênfase na análise dos dados, conforme menciona Braga (2007, p. 29).

Também se adéqua aos preceitos da pesquisa descritiva, pois segundo Rudio (1991, p.56) “a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”. Buscando, dessa forma a identificação dos fenômenos procurando evidenciar suas características.

A pesquisa bibliográfica, nas palavras de Marconi e Lakatos (2010), abrange um estudo em todos os materiais que contenham informações já publicadas. Envolve até informações nos meios de comunicações orais. Dessa forma, para elaboração desta pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico em fontes, como livros, folhetos de cordéis, em web sites, artigos de periódicos e blogs.

O levantamento bibliográfico iniciou-se a partir de pesquisa em acervo físico de bibliotecas pública e universitária. Foi consultado o acervo da BICEN, por

meio do software de gerenciamento Pergamum, catálogo on-line, utilizando o termo: literatura de cordel. O acervo físico da Cordelteca João Firmino Cabral. E consulta ao acervo da biblioteca pública Clodomir Silva, em sites on-line, utilizando o Google buscador geral com os termos "literatura de cordel" filetype:pdf, onde foram adquiridos artigos sobre trabalhos descrevendo ações, incluindo literatura de cordel. As palavras adotadas para a realização da estratégia de busca foram: literatura de cordel AND cultura popular, bem como: literatura de cordel AND ensino. Além disso, buscou-se também: literatura de cordel AND mediação de leitura.

Com vistas a alcançar os objetivos delineados na pesquisa foram respondidos questionários com (02) dois cordelistas educadores que atuam no magistério utilizando o cordel como recurso didático pedagógico para identificar que tipos de ações eles desenvolvem em sala de aula com o cordel, sendo: o poeta educador Gilmar Ferreira que leciona atualmente no Ensino Fundamental Maior e a poetisa Izabel Nascimento que atua no ensino básico.

Como critérios para a escolha dos cordelistas educadores tem-se:

- a) serem naturais de Aracaju,
- b) serem poetas educadores atuais e atuantes na área da educação,
- c) utilizarem a literatura de cordel como forma de complemento em suas atividades educativas e
- d) pela aproximação com os mesmos, uma vez que possui contatos e conhecimento de onde podem ser encontrados.

O primeiro contato com os cordelistas se deu pela leitura dos folhetos de cordéis já se constituindo a seleção de material bibliográfico para a realização desta pesquisa. A partir daí foram adquiridos os meios de comunicação como e-mails e telefones disponibilizados nos folhetos para posteriores contatos. Os cordelistas que atuaram como respondentes da pesquisa já tinham demonstrado interesse em colaborar com a mesma a partir de contato informal estabelecido com eles durante o projeto de qualificação.

Para que o projeto se desenvolvesse dentro dos princípios éticos estabelecidos pela ciência, os respondentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). (ANEXO A).

A partir do aceite em participar da pesquisa e nas condições do estudo, foi aplicado o questionário, conforme Apêndice A.

Após a coleta dos dados, foi efetuada a análise dos mesmos, que se encontram descritas no capítulo Resultados e Discussão.

3.1 Os sujeitos de pesquisa

Neste tópico serão identificados os dois cordelistas educadores que foram utilizados como sujeitos desta pesquisa, pois foram respondentes do questionário, onde, a partir do mesmo, foi possível adquirir informações relevantes a cerca da literatura de cordel para a complementação, em termos informativos, para este trabalho.

O cordelista e educador Gilmar Ferreira, também sergipano, natural da cidade de Aracaju, nasceu em 1971 e iniciou na literatura de cordel em 2001, com a obra *São Francisco, o santo rio do Brasil; História e Importância*, depois dessa, produziu diversas outras obras abordando temas diversificados. Incluindo, além dos muitos folhetos, poemas, slides em Power point, panfletos, folders, etc.

De acordo com Ferreira (2001), o poeta Gilmar Ferreira é criador de uma das primeiras cordelteca do Brasil, instalada em 2003, nas dependências da Biblioteca Pública Municipal Clodomir Silva – BPMCS. Em 2006 foi eleito por aclamação para ocupar a 2ª cadeira da ABLC. Em 2007 coordenou o projeto de reabertura sala de Cultura Popular homenageando o Poeta Manoel D’Almeida Filho, instalada nas dependências da Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dória, em 2012 indicado coordenou o projeto de revitalização da referida sala na qual foi implantada uma galeria com biografias e fotografias de mais de 70 poetas populares sergipenses. Foi idealizador e coordenador dos I e II Encontro Sergipano de Literatura de Cordel em 2007 e 2012. É membro fundador da Associação dos Cordelistas e Repentistas de Sergipe – ASCORESE. O poeta vem proferindo palestras em universidades, escolas públicas, particulares e entidades interessadas na Literatura de Cordel. E está apto a escrever biografias e histórias que contem a trajetória de empresas, pessoa ou profissão; como também para Campanhas Educativas ou Publicitárias em geral. O poeta Gilmar Ferreira é também professor na rede pública de ensino e grande admirador e pesquisador da Literatura de Cordel. Neste sentido, após desenvolver pesquisa buscando mapear a literatura cordelística no estado de Sergipe, criou em 2003, a primeira Cordelteca do Brasil, anteriormente citada.

As estrofes citadas a seguir são exemplos da criação poética de cordel onde o autor descreve em versos a bibliografia de um vaqueiro mostrando sua trajetória devida e ofício durante sua existência. Esta afirmativa pode ser percebida

nitidamente no folheto de cordel *Josa, o Vaqueiro do Sertão*⁴, produzido pelo cordelista sergipano Gilmar Ferreira (2007), onde o autor descreve num livreto a vida e façanha de um destemido vaqueiro e sanfoneiro, como mostra as estrofes a seguir:

Agora Gilmar Ferreira
Volta feliz e contente
Outra vez para escrever
Mais um folheto descente,
Pedindo com a alegria
Que a musa da poesia
Conduza daqui pra frente.

Que libere a inspiração,
Que abra todo o portão
Para que eu possa escrever,
Pois o assunto em questão
Que quero falar sem prosa
É a vida e obra de *Josa*
O Vaqueiro do Sertão.

Ainda era rapaz moço
Quando encarou a lida
De montar em cavalo brabo
Pra poder ganhar a vida.
Nas caatingas do sertão
Nasce então um vaqueirão
De carreira destemida.

Pelejando com cavalo
Conduzia a boiada
De Santo Estevão-Bahia
Pra Lagarto, a parada.
Passou sua juventude
Com coragem e atitude
Onde quer que ele estava [...]

Esta passagem de cordel é apresentada sem prosa, conforme comenta o próprio o autor: “[...] que quero falar sem prosa [...]”, mostra a vida de um vaqueiro no interior sertanejo em atividade diária. O folheto de cordel traz um levantamento da vida do vaqueiro *Josa*, considerado por aqueles que o conheceram um homem de muita bravura e sucesso na vida, no ofício de vaqueiro, além de ser um bom sanfoneiro, pois naquele tempo, como é visto ainda hoje no interior nordestino e em demais partes do Brasil, já predominavam o forró e as festas de vaquejadas.

⁴ FERREIRA, Gilmar-Ferreira. *Josa, o vaqueiro do Sertão*. Aracaju/SE, 2007. (Folheto de Literatura de Cordel).

A cordelista Izabel nascimento é sergipana, escritora de folhetos de Cordel desde a infância. Nascida no dia do folclore filha de poetas cordelistas pernambucanos. Sempre esteve ligada à cultura popular. Graduada em pedagogia e atuando como Professora na Rede Pública Municipal de Ensino de Maruim /SE, a poetisa desenvolveu o Projeto "Literatura de Cordel em Sala de Aula" em escola da zona rural. Com habilidade também para os desenhos e pinturas, iniciou em 2012 um trabalho de pintura em paredes inspirado nas xilogravuras dos folhetos de cordel. Izabel nascimento trabalha há um ano como Coordenadora da sala de cultura popular Manoel D'Almeida Filho, na Biblioteca Pública Epifânio Dória, em Aracaju. Também dirige a Casa do Cordel Espaço Cultural que leva o nome de seu pai Pedro Amaro de Nascimento. Ministra palestras em todo Estado de Sergipe. Em 2014 participou de Festival Internacional do Brasil na Áustria, onde lançou quatro dos seus títulos na Embaixada do Brasil, em Viena. A poetisa divulga muito de seus versos nas redes sociais, dentre eles '*o cordel do whatsapp*', que ficou conhecido em todo Brasil.⁵

Izabel Nascimento natural de Aracaju utiliza-se da literatura de cordel para expor seu conhecimento como acontece também com outros poetas cordelistas e educadores que desenvolvem práticas pedagógicas envolvendo a literatura de cordel em sala de aula. Um exemplo disso é a criação do folheto de cordel intitulado *Rio Paraibuna*⁶, em que ela expõe o depoimento de um rio no intuito de alertar a população sobre a poluição.

Os poetas cordelistas mencionados são Profissionais da Educação que no seu exercício da profissão introduzem o cordel como instrumento didático estimulante para contribuir no aprendizado do aluno. Em determinados assuntos e situações, ensinar utilizando o cordel faz com que os alunos tenham melhor absorção do conteúdo do que com métodos normais e cria nos estudantes uma expectativa de um ensino diferenciado do habitual. Neste sentido, Belisario e Albuquerque (2015, p. 251) afirmam que "o cordel tem exercido grande influência no acesso à leitura por parte dos brasileiros atingindo não só o público estudantil como em geral". Elas dizem ainda que "[...] atualmente tem se expandido para todas as regiões do país e utilizado como suporte paradidático nas escolas".

⁵ Informações cedidas pela própria pesquisada Isabel Nascimento

⁶ NASCIMENTO, Izabel, *Rio Paraibuna*. Aracaju, 2014. (Folheto de Literatura de Cordel)

O capítulo a seguir apresenta os Resultados a partir dos questionários respondidos e a Discussão dos mesmos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão analisados os dados obtidos através de um questionário com perguntas abertas no intuito de complementar esta pesquisa, cujo objetivo principal foi destacar a atuação de dois cordelistas educadores da cidade de Aracaju junto às ações desenvolvidas relacionadas ao uso do cordel em prol do aprimoramento informacional dos educandos. Teve como resultados os itens abaixo especificados onde, os 2 (dois) cordelistas que são também educadores são: o primeiro, o poeta Gilmar Ferreira que leciona atualmente na escola Municipal Maria Rabelo Barreto, no povoado Salobra, em Simão Dias/SE no Ensino Fundamental nos 6º e 7º anos. O segundo cordelista foi a poetisa Izabel Nascimento atuante na escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Fidelis Costa, povoado João Gomes de Melo na cidade de Maruim/SE, no ensino básico do 1º ao 4º anos.

A questão 1 buscou identificar o que o cordel representa para os educadores. Para eles é considerado “um meio didático-pedagógico para alcançar os objetivos de ensino e aprendizagem” e “uma belíssima modalidade literária, uma rica herança cultural do povo brasileiro”.

Neste sentido, o cordel utilizado como um recurso didático apresenta os conteúdos de maneira informativa como mostra o poeta e educador Gilmar Ferreira, pois, enquanto coordenador do Projeto MOVA-Brasil, 2008 produziu um folheto de cordel intitulado “Livro e Leitura: o Sonho de muita gente” onde chama a atenção para um problema que ainda envolve grande número de brasileiros, o alto índice de analfabetismo.

No início do folheto o autor Gilmar Ferreira faz um levantamento da situação social relacionada ao déficit da leitura, principalmente em algumas regiões nordestinas brasileiras onde o projeto MOVA-Brasil foi implantado devido à predominância do analfabetismo em grande parte da população, naquela região. Depois, ele faz menção sobre a importância da leitura que, para ele, deveria ser incentivada desde a infância, primeiramente pelos pais no núcleo familiar, pois a criança que presencia os pais lendo vai querer ler também e aborda o livro como instrumento transmissor de informações de extrema relevância, que deve estar sempre presente na vida dos seres humanos, desde cedo. O autor diz ainda que a leitura, para quem ler, pode transformar a forma de pensar e faz um convite leitura,

mostrando que ela pode ser feita em quase todos os lugares e que a informação pode estar contida nos mais variados suportes informacionais.

A literatura de cordel, através dos conteúdos expostos em seus folhetos, constituía-se em importante meio de comunicação entre as localidades mais distantes nos sertões nordestinos e, também, pela falta de artefatos transmissores de informação para a população como: o rádio, a televisão, o jornal. Neste sentido, passou então a ser considerado um meio de comunicação, um instrumento de interligação entre as sociedades que se formavam, considerando-se a distância existente entre si, conforme comenta Lopes (1994).

Como em algumas regiões nordestinas naquela época não existiam os meios modernos de comunicação de que se dispõe hoje, esses poetas representavam, para muitos, a única e indispensável forma de contato com os acontecimentos do mundo externo para obtenção de informações, conforme afirma Andrade (2005).

Neste contexto, para Diégues Junior (1975 apud LOPES, 1994) e Silva (2008), o cordel, pela forma que era divulgado, funcionava como uma espécie de jornal, que, ao mesmo tempo em que informava, também servia como entretenimento, pois os poemas variavam desde grandes clássicos da literatura contemporânea até os acontecimentos de expressões populares. Os autores ressaltam a importância que os folhetos de cordel exerceram na alfabetização, onde o analfabetismo predominava em grande escala, mais precisamente nas regiões interioranas e sertanejas do Nordeste, onde os materiais didáticos eram escassos ou estavam ao alcance de poucos. Assim, os folhetos, que eram lidos por aqueles que dispunham de um pouco de leitura para os analfabetos e assim os folhetos desempenhavam a função de cartilhas alfabetizadoras. Foi dessa forma que alguns autores aprenderam a ler e a escrever e se interessaram pela poesia, tornando-se poetas.

A literatura de cordel, no atual contexto educacional, exerce função socioeducativa, pois vem sendo abordada como recurso interdisciplinar utilizado tanto em salas de aula, nos diferentes níveis de ensino: fundamental, médio e superior; como também nos ambientes não educacionais, ou seja, para a população em geral.com enfoque informativo Silva (2008)

Observa-se que não só os poetas cordelistas, mas também profissionais da educação e pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento científico vêm

realizando pesquisas e trabalhos envolvendo a cultura popular nordestina – a literatura de cordel – no intuito de dinamizar para as demais regiões do país e do mundo a importância e a peculiaridade do cordel no aprimoramento informacional e sociocultural.

Assim, a literatura de cordel, nas palavras de Silva (2012), se caracteriza numa literatura, além de social, educacional, pois, ao mesmo tempo em que ensina, também diverte e é apresentada ao público como meio de comunicação informativa para todas as faixas etárias.

Por outro lado, Silva (2008) ressalta que os educadores se defrontam com dificuldades no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita evidenciadas nos alunos desde o ensino fundamental até a universidade, e isso inquieta os profissionais da educação. Neste aspecto, a literatura de cordel constitui fonte importante de informação do gênero discursivo oral e escrito que servirá de auxílio nas atividades desenvolvidas pelos educadores em sala de aula.

Silva (2008) apresenta em sua monografia, pois é professora na área pedagógica, um projeto abordando o cordel em sala de aula no ensino da língua portuguesa e da literatura brasileira com alunos do ensino médio na modalidade supletiva EJA Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Italiana, na cidade de Porto Real/RJ, e para a sua realização a autora contou com 35 alunos da 1ª e 2ª série entre 19 e 45 anos. Desse modo, a autora abordou como sequência de conteúdo “[...] a origem do cordel, suas condições de produção e de circulação, as temáticas, seus elementos composicionais e suas características textuais e linguísticas”. (SILVA, 2008, p. 6). Como fundamento teórico, ela se apropria da teoria bakhtiniana de gênero discursivo e da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s. A autora desenvolveu a pesquisa na forma de pesquisa-ação e, para a coleta dos dados, foram utilizadas a observação participante do professor-pesquisador, anotações em diários, entrevistas com alunos e gravação de aulas, demonstrando, dessa forma, que a literatura de cordel em concordância com as variações linguísticas discursivas torna o aprendizado sociointeracional, onde os alunos envolvidos desenvolvem habilidades no comportamento relacionado à leitura e na compreensão dos variados gêneros linguísticos. No caso específico foi proposto aos seus alunos um estudo com o cordel envolvendo algumas etapas: primeiro buscou selecionar o maior número de

cordéis utilizando os critérios de classificação aplicados pela ABLC que os separa por caixas temáticas classificando-as da seguinte forma:

1- Coleção de raríssimos – são os cordéis mais antigos e procurados para divulgação pelos membros da academia; 2 - Romances; 3 - Pelejas e humor; 4 - Cangaço e credices populares; 5 - Ciências e políticas; 6 - Diversos – um conjunto de cordéis com assuntos variados; 7 - Coleção discussão de futebol (SILVA, 2008, P. 13).

Isto serviu para despertar nos alunos o interesse pela diversidade do gênero discursivo ao selecionarem os folhetos por assuntos diversos. Depois, realizou-se um levantamento acerca do conhecimento dos alunos e comentários sobre o cordel. Em seguida, propôs aos discentes a leitura dos livros escolhidos para posteriormente desenvolverem os exercícios propostos. A quarta etapa fluiu a partir da organização na produção de cordéis, de acordo com os lidos, em uma linguagem diferenciada como “(quadrinhos, desenhos, música, teatro, resumos em forma escrita, resumo em forma de poesia, resumo em forma de colagem, exposição de cartaz, reprodução da capa do cordel)” Silva (2008, p. 13). Depois foi feita uma análise crítica de acordo com as leituras realizadas e, por último, realizou-se uma avaliação, conforme a autora, pelos alunos incluídos no projeto de leitura.

O resultado do referido trabalho apresentando o cordel nos diversos gêneros discursivos do texto oral e escrito foi percebido em relação às mudanças observadas no comportamento de leitura nos alunos que a partir da prazerosa experiência de trabalhar com esta literatura em sala de aula construíram conhecimento transformador na interação, cooperação e criatividade e despertou o gosto e a prática pela leitura a partir do conceito do gênero discursivo.

Alves (2008), em seu artigo, propõe um trabalho com a literatura de cordel no ensino, em sala de aula, com a finalidade de despertar nos educandos o desenvolvimento do senso crítico e a capacidade de entendimento da realidade em todos os aspectos da sociedade, principalmente direcionado à região Nordeste, tendo como base a variedade linguística encontrada na região citada acima. Tendo em vista o aluno como principal protagonista, a linguagem que deve ser “[...] vista como um meio fundamental para a construção tanto de significados e conhecimentos quanto para a constituição da identidade do estudante” (ALVES, 2008, p. 104). A autora analisou no cordel as diferentes características e suas condições de produção para, a partir daí, pôr em prática sua proposta de atividade

com o livreto e chama a atenção para o papel fundamental da escola na ampliação do ambiente educacional em relação ao público leitor, ou seja, o estudante, e ainda para uma atenção especial na obtenção de materiais didáticos, por parte dos educadores, tão indispensáveis para leitura. Alves (2008, p. 105) menciona para o educador “que pretende trabalhar com a diversidade de gêneros em sala de aula, é fundamental distinguir em qual categoria seu objeto de trabalho deve se encaixar, a fim de que se torne mais fácil extrair o material linguístico de que necessita”. O contato com a arte cordelística pode ser capaz de proporcionar aos alunos ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais do país, principalmente na região Nordeste, palco de tantas disparidades.

Para Alves (2008) a escola entra nesse ponto como veículo capaz de levar aos alunos o contato com o maior número possível de gêneros textuais, fazendo com que eles sejam não somente ferramenta de comunicação, mas também objeto de ensino e aprendizagem. Desta forma, o texto da poesia popular pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do educando com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima, mas também contextuais, o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país.

De acordo com Alves (2008 p.104)

Dessa forma, o que propomos é que a linguagem seja vista como um meio fundamental para a construção tanto de significados e conhecimentos quanto para a constituição da identidade do estudante, pois a cada dia que passa o mundo exige mais criatividade, senso crítico e capacidade de interpretação não só de textos como também do mundo.

Essa abordagem só confirma que o cordel pode ser usado como fonte de pesquisa capaz de trazer para a realidade do aluno informações tão importantes como faz a literatura convencional e, nesse sentido o cordel deve ser considerado e até acrescentado nas modalidades do ensino, pois na afirmativa de Alves (2008, p. 108)

A literatura de cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive, assim como sobre a posição do outro.

Alves (2008), conclui em seu artigo que a literatura de cordel pode ser mencionada nos estudos linguísticos onde o aluno terá conhecimento reflexivo do panorama linguístico existente não só na localidade em que vive como também nas demais regiões pelo fato desta literatura proporcionar este grau de conhecimento pelo conteúdo exposto em seu folheto.

A questão 2 buscou analisar a abrangência do cordel nas diferentes temáticas. Segundo os cordelistas pesquisados abrange “a maior diversidade possível de público, principalmente os interessados em questões educacionais, socioambientais, culturais ou apenas interessados em entretenimento” e também “diferentes públicos [...] motivação em leitores e escritores [...] a valorização da cultura popular, etc.” Neste aspecto, o uso desta arte folclórica tem abrangência não só no contexto educacional, mas também social, de uma forma geral, tendo em vista o amplo alcance em meio à população. Por isto desenvolvem ações em atividades educacionais com o objetivo de resgatar e mostrar a importância que a literatura de cordel exerceu e ainda exerce não só nos limites escolares, mas também no convívio social, pois, o folheto ao mesmo tempo em que ensina diverte.

A questão 3 buscou verificar se os educadores mencionados nesta pesquisa já haviam publicado materiais em cordel e ambos disseram que sim, Gilmar Ferreira afirma que já publicou “40 folhetos, dezenas de poemas, slides em Power point, panfletos, folders, etc.” e a poetisa Izabel Nascimento destaca que foram “folhetos (a maioria), livros, sites, blogs, revistas, vídeos, etc.” Através desses materiais em cordéis publicados tem-se a possibilidade de uma busca exaustiva nos conteúdos cordelísticos em diferentes meios de comunicação e informação disponibilizada para o público pesquisador. Assim, as instituições e órgãos mantenedores dessas publicações em cordéis, são também, destacados nesta pesquisa por serem responsáveis por exercer tal função.

Na questão 4 a indagação foi sobre como funciona o processo de elaboração e divulgação dos folhetos de cordel. Gilmar Ferreira aborda que no

primeiro caso “se dá em virtude da inspiração poética, da demanda sugerida ou contratada por terceiros, já o segundo se dá por vários meios, desde os mais tradicionais como o boca-a-boca, imprensa ou dos mais atuais, como as redes sociais diversas”. Izabel Nascimento expõe que na elaboração “o cordel tem regras específicas. São técnicas que o poeta cordelista precisa conhecer e dominar para desenvolver um trabalho no formato de cordel. Colocar as ideias na rima, na métrica e na oração é a elaboração de todo cordel”; quanto à divulgação a poetisa tem se utilizado bastante das “redes sociais”. Na produção do conteúdo de cordel são abordadas imensas variedades de temas, englobando assuntos variados, ou seja, os poetas conseguem criar estórias, poesias rimadas em cordel, porém os educadores referenciados ressaltam sobre os cuidados na elaboração dos folhetos, pois os mesmos devem obedecer às características técnicas envolvidas em suas produções.

A questão 5 identificou ações desenvolvidas pelos poetas educadores em prol da complementação e aprimoramento informacional na educação por meio do cordel. Ambos afirmaram que desenvolvem ações nesse sentido e Izabel Nascimento completa que o “cordel é informação, história, literatura, arte, cultura, criatividade, ritmo, imaginação, pesquisa, conhecimento”. Diz ainda que, “qualquer ação desenvolvida com o cordel precisa ser ampla”. Dessa forma, entende-se também o uso desta cultura em sala de aula, por exemplo.

Neste sentido, no atual contexto informacional, a literatura de cordel exerce função socioeducativa, pois vem sendo abordada amplamente como recurso interdisciplinar, utilizado tanto em salas de aulas nos diferentes níveis de ensino: fundamental, médio e superior, como nos ambientes não educacionais, para a população.

Silva (2012, p.65) aborda que

O cordelista se utiliza de técnicas da comunicação, oferecendo ao seu público notícias do seu interesse. O público, por sua vez, deseja ler a notícia dos jornais numa outra perspectiva e a poesia é a harmoniosa combinação entre o fazer poético e o disseminar informacional.

E dessa forma, o cordel no contexto social, é utilizado como veículo de comunicação e estratégia educativa no processo de conscientização, pois as autoras Oliveira et al (2011), em seu artigo intitulado: *Literatura de cordel como*

estratégia educativa para prevenção da dengue, produziram estudos sobre mensagens transmitidas de poetas que abordaram o tema e a linguagem apresentada nos folhetos de cordel sobre essa temática - prevenção contra a dengue - e, a partir de levantamentos nos folhetos encontrados, elaboraram seus estudos. As autoras adotaram a poesia cordeliana como estratégia de conscientização da população pelas suas características que envolvem rima, versos, formas atrativas de exposição das informações e estratégias que despertam melhor participação e discussão com a sociedade na busca de ações efetivas e eficazes para a saúde. Ressaltam que a literatura de cordel aborda inúmeras temáticas com enfoque também em outros aspectos da saúde, como: “amamentação, HIV/AIDS, diabetes, saúde da mulher”. (OLIVEIRA et al., 2011, p. 768).

As autoras se fundamentaram, para a construção de seu trabalho, em três categorias divididas da seguinte forma: 1ª Categoria: Conhecendo a dengue - onde elas abordam, como se dá a transmissão, os sinais e sintomas e o tratamento da dengue. 2ª Categoria: Prevenção da dengue, com enfoque informativo nas medidas preventivas contra a transmissão e a proliferação, até a eliminação do mosquito 3ª categoria: Literatura de cordel como estratégia educativa, onde mostra o cordel em sua forma versada e atrativa que se constitui um meio viável de divulgação à prevenção, no caso específico, da dengue. Ressalta-se que o trabalho apresentado pelas autoras foi elaborado no Laboratório de Comunicação em Saúde, do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará (UFC) em 2010 e demonstra, assim que a literatura de cordel pode ser aplicada nas diversas áreas do conhecimento trazendo benefícios em prol da sociedade, de forma geral.

Na questão 6 buscou-se discorrer sobre as ações desenvolvidas pelos educadores envolvendo esta cultura. Gilmar Ferreira salienta que são “no sentido de discutir questões importantes e atuais como: dos meios de comunicação e informação; questões de saúde pública como a dengue, ‘azica’, as doenças sexualmente transmissíveis, entre outros, como: temas para a juventude, a exemplo de participação social, de sexo, de drogas etc.

Além de ações práticas como desenvolvimento de projetos, encontros culturais, oficinas, palestras, saraus etc.; a poetisa Izabel Nascimento também desenvolve ações com o cordel “desde oficinas até recitais poéticos, onde se estende para professores, estudantes, pesquisadores e a todos que tenham interesse em conhecer ou aprimorar a leitura/escrita do cordel”.

Dessa forma, verificou-se que são desenvolvidas ações como: palestras, aulas extraclasse, seminários, projetos elaborados pelos poetas educadores para a população, sejam estudantes ou não, e podem representar uma forma de aprendizado e de valorização da cultura popular, resgatando, assim, a memória e a existência de um passado que tanto contribuiu para formação da cultura, do sentimento de pertencimento e dos costumes existentes.

A poetisa Izabel Nascimento, por exemplo, utiliza esta modalidade literária cultural como instrumento divulgador de informação no auxílio da motivação para o desenvolvimento da leitura, funcionando assim, como forma de aprendizado linguístico e cultural, com os educandos. Aproveitando desse talento poético, pois é filha de pais cordelistas, desde cedo registra suas opiniões em versos metrificados acerca dos mais variados temas. Um exemplo disso é a criação do folheto de cordel intitulado *Rio Paraibuna*⁷, em que ela expõe o “depoimento de um rio” no intuito de alertar a população sobre os prejuízos causados pela poluição.

Eu, o *Rio Paraibuna*
 Trago, hoje, uma mensagem
 No alto da Mantiqueira
 Inicio minha viagem
 Venho dar depoimento
 Peço respeito e passagem

[...]

Das coisas que aprecio
 E que não vejo iguais
 Nos caminhos que percorro
 Vejo plantas e animais
 Forjo lagoas e açudes
 Mostro as minhas virtudes
 Em piscinas naturais.

[...]

Estou sem perspectiva
 Padecendo a cada hora
 Esgoto de metro em metro
 Esquecem o que fui outrora
 Passam ate despercebidos
 Os afluentes poluídos
 Vindos de Juiz de Fora.

⁷ NASCIMENTO, Izabel, *Rio Paraibuna*. Aracaju, 2014. (Folheto de Literatura de Cordel)

[...]

Acabou-se a pescaria
Afastaram-se os animais
Não existe evolução
Pra registrar nos anais
Sei que meu fim não demora
As laras foram embora
Não retornaram jamais!

[...]

Todos precisam, em fim
Evitar a desventura
Pois, a morte de um Rio
“É desastre e amargura”
Todos podem ter certeza
Quem agride a natureza
Cava a própria sepultura.

Esta produção de cordel da autora Izabel, baseado em textos do Escritor Assede Paiva é um exemplo de criação de cordel com o objetivo de conscientizar não só os educandos como a sociedade de modo geral e também como forma de advertência para os males causados aos rios por conta da poluição e as consequências que isso traz para a todos na região afetada.

Na condição de educadora, este livreto foi produzido no intuito de mostrar para população em geral, a importância da prevenção de um rio tão indispensável para sobrevivência dos seres vivos dependentes dele.

Com esta abordagem acima citada é possível afirmar que a produção de assuntos envolvendo o cordel tem como objetivo principal transmitir informação no intuito de alcançar um público leitor diferenciado, ou seja, em todas as classes sociais, independente de poderes aquisitivos, e se caracteriza numa literatura, além de social, educacional, pois, a informação se encontra em rimas constituindo-se uma forma atrativa de se obter conhecimento. E é apresentada ao público como meio de comunicação informativa viável para todas as faixas etárias, conforme atesta Silva (2012).

A questão 7 procurou saber quais públicos as ações realizadas por meio do cordel são atingidos; ambos afirmaram que atingem não só ao público estudantil como também ao geral. Esta afirmativa se consolida na obra de cordel do poeta Gilmar Ferreira onde se observa que o assunto abordado no folheto visa alcançar tanto o público em geral como também estudantes, pois o livro intitulado *São*

Francisco, o santo rio do Brasil, que se constitui em uma de suas primeiras produções em cordel, traz a história do Rio São Francisco, um dos mais importantes do estado de Sergipe e sua relevância em termos econômicos, como no abastecimento de água nas cidades, no fornecimento de alimento e como atrativo turístico. Na obra, Ferreira (2002) descreve algumas ocorrências no Brasil durante a colonização, pouco depois de 1500, ocorridas nas imediações do rio, como: foi o local por onde os jesuítas chegaram para catequizar os ribeirinhos; foi por onde se deu a invasão holandesa; nasceu, em suas margens, a primeira cidade às margens do rio, Penedo, em Alagoas - outro estado por onde o rio também faz fronteira -; foi onde se deu a morte de Lampião, considerado Rei do Cangaço.

Ainda hoje, às margens do São Francisco, predomina um forte ciclo turístico e econômico, pois ao longo de suas margens, foram implantadas usinas hidrelétricas para captação da energia elétrica, usinas para fabricação do açúcar, material derivado da cana, além de diversas plantações e projetos de irrigações.

Na questão 8 buscou-se destacar o uso da literatura de cordel como instrumento de aprendizagem no contexto informacional se está direcionada para a sociedade ou só para o público estudantil. Eles afirmam fazerem uso do cordel. Gilmar Ferreira destaca que o uso abrange também o contexto de formação relacionado aos diversos conteúdos, principalmente os conceituais e os atitudinais. A poetisa Izabel Nascimento ressalta que faz uso não só do cordel em sala de aula - e chama a atenção dos colegas que pretendem utilizá-lo em aula com o cuidado de não restringi-lo só ao contexto informacional - pois ela alega que o “cordel vai muito além”. Dessa forma, é de extrema importância a construção de uma metodologia voltada para o ensino com o cordel direcionando os educadores que se disponham a utilizar este como recurso didático-pedagógico.

A literatura de cordel, por estar inserida nas diversas áreas do conhecimento, tende a se tornar cada vez mais instrumento de estudo e de ensino para profissionais da educação e de áreas afins. Neste sentido, o profissional deve ter domínio e conhecimento no uso do recurso didático disponibilizado - cordel ou não - e deve também se apropriar de uma metodologia adequada para tal fim e, ainda se dispor a estudar “[...] elementos tais como a linguagem, o discurso, os valores sociais, o incentivo à leitura e a escrita”. (SILVA et al. 2015)

A questão 9 procurou identificar o nível de aprendizado dos alunos após a realização de ações com o cordel. Ambos os educadores responderam

positivamente, pois houve a observação de aprendizado. De acordo com Gilmar Ferreira faz-se “através de instrumentos específicos de avaliação e da percepção dos avanços percebidos na aprendizagem”. Izabel Nascimento acrescenta que “não apenas no sentido conteudista, mas, no pleno desenvolvimento da leitura, da criatividade, da oralidade. Cordel é um conjunto de ações que resulta num conjunto de transformações”. Durante o ensino com o folheto em determinado contexto disciplinar os cordelistas educadores elaboraram critérios de avaliação capazes de evidenciar o aprendizado do conteúdo, nos educandos e observaram, também, suas atitudes em relação ao assunto abordado.

A questão 10 abordou a influência do cordel no gosto pela leitura e o cordelista educador Gilmar Ferreira afirma que “por ser de fácil assimilação através de uma linguagem popular; por não ser uma leitura densa e cansativa, pois os textos em geral são curtos; por abranger uma gama imensa de temáticas e conteúdos; pelo preço acessível e, por ser uma leitura mnemônica”. Izabel Nascimento diz que “pela própria forma que o cordel tem: objetivo, interessante, claro, leitura de fácil memorização, rítmica, cadenciada, sonora” o gosto pela leitura pode partir destas características do cordel, “evidentemente, após um processo de apresentação do que de fato é o cordel, o que ele significa para nós, brasileiros, e do encantamento que esta literatura nos oferece”. Os poetas cordelistas pesquisados são profissionais da educação que, no exercício da profissão, introduzem esta arte como instrumento didático estimulante para contribuir no aprendizado do aluno em determinados assuntos, pois em certas situações ensinar utilizando a poesia popular faz com que os discentes tenham melhor absorção do conteúdo ensinado do que com métodos normais. Isto cria nos estudantes uma expectativa de um ensino diferenciado do habitual. Neste sentido, Belisario e Albuquerque (2015, p. 251) afirmam que “o cordel tem exercido grande influência no acesso à leitura por parte dos brasileiros”. As autoras dizem ainda que “[...] atualmente tem se expandido para todas as regiões do país e sido utilizado como suporte paradidático nas escolas”.

Observa-se nos tempos atuais que o cordel mantém seu papel de riquíssima fonte de informação e assim diversas áreas do conhecimento aprofundam seus estudos nessa temática e, nesse sentido, os atuais poetas educadores que atuam na educação de escolas públicas utilizam o cordel como veículo facilitador para a transmissão da informação e a construção do conhecimento. O cordel propicia, no contexto escolar, aulas dinâmicas voltadas para a investigação dos

gêneros discursivos para a divulgação de uma linguagem singular produzida nos folhetos na forma escrita e na oralidade.

Neste aspecto Torres (2014, p. 13) aborda que

O trabalho em sala de aula envolvendo o gênero cordel vem portanto, a ser uma escolha favorável, visto que, por meio deste gênero textual os alunos se deparam com a beleza cultural que emanada desta literatura e de toda sua riqueza expressiva, quanto à articulação de várias linguagens como: oral, musical, poética, gráfica, etc. Desta forma a leitura e a produção literária passou a ser pauta para uma aula iterativa e de novos conhecimentos para os/as alunos/as, direcionando-as (os) à valorização e ao respeito às diversas manifestações culturais presentes na nossa literatura de cordel.

É importante ressaltar que essa prática de ensino, utilizando a literatura de cordel como instrumento de subsídio no aprimoramento informacional, segundo o que se tem visto, desperta nos alunos uma forma de conhecimento diferenciado sobre a cultura popular e suas composições. E, desse modo, observa-se nos folhetos de cordel a diversidade temática e suas características composicionais contributivas no ensino interdisciplinar.

O capítulo a seguir encerra a trajetória desta pesquisa enfatizando as conclusões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos objetivos propostos, conclui-se que a literatura de cordel, em seu aspecto histórico, foi trazido para o Brasil no fim do século XVII e início do século XVIII pelos colonizadores portugueses pelo litoral brasileiro e se estabeleceu, após sua chegada, principalmente na região Nordeste por encontrar aqui ambiente propício para isso, pois nesta região houve agressivas disputas por terras, secas históricas, a saga e o fim do cangaço e do bando de Lampião, as histórias de milagres do padre Cícero Romão e de Frei Damião, a luta por igualdade social de Antônio Conselheiro, entre outros acontecimentos, além do enfoque na área da saúde, isto é, destacando em livretos de cordéis formas preventivas e combates a certos tipos de doenças.

Em relação aos primeiros poetas que se tem conhecimento verificou-se que a literatura de cordel também conhecida como poesia, folclórica, popular e impressa é resultado da criação poética de versos e cantorias de poetas e repentistas que fizeram e fazem histórias com suas produções criativas em rimas abordando todos os tipos de conteúdos. Esses poetas difusores da cultura popular antes oral, conhecidos como transmissores de informação, pois os artistas declamavam seus versos e histórias, que eram ouvidas por onde passavam, em praças públicas, feiras livres, mercados e festas de romarias. Os jograis, menestréis eram artistas considerados os primeiros a difundirem a literatura de cordel na forma oral, mas não com essa terminologia que se tem atualmente.

No Brasil, em meados do século XIX, houve um considerável crescimento de poetas precursores da poesia brasileira dando continuidade a poesia estrangeira, porém adaptando-a para um novo cenário, especificamente nordestino. Dessa forma, foram identificados autores como Leandro Gomes de Barros e Antônio Gonçalves, conhecido como Patativa do Assaré, este último, além de poeta, também era cantador; entre outros, vistos como pioneiros da poesia popular impressa aqui no país.

Os dois professores cordelistas mencionados como sujeitos de pesquisa neste trabalho são profissionais atuantes na educação no estado de Sergipe. Identificar a atuação do cordel contexto educacional é uma forma de divulgar a importância da cultura popular no aprendizado sobre esta arte literária e de demonstrar sua relevância como recurso didático para o aprimoramento

informativo, principalmente em relação ao incentivo à leitura, tendo como enfoque principal os educandos.

Nesse sentido, constatou-se que os poetas entrevistados se apropriam de suas competências e habilidades no exercício de suas funções de educadores e elaboram suas produções cordelianas nas mais diferentes temáticas, como: Política e Sociedade, Meio Ambiente, Saúde e Doença, entre outras. Ao prepararem suas obras buscam informações especializadas, por trabalharem de forma crítica quanto às fontes de informações que serão utilizadas nos conteúdos dos livretos. .

De acordo com as ações elaboradas por esses poetas educadores, divulgar os conteúdos dos folhetos de cordéis nas salas de aulas ou ainda em eventos como palestras, oficinas, entre outros, faz parte de uma estratégia educativa em situações propícias, o que torna a forma de ensinar criativa e, deste modo, favorece o aprendizado nos aspectos: reflexivo, criativo linguístico, oral e das diversas manifestações culturais.

Sendo assim os assuntos trabalhados nos conteúdos dos cordéis, nos diferentes níveis de ensino, devem alcançar aos objetivos propostos pelos cordelistas educadores que o utilizam como recurso educativo.

Assim, de acordo com a proposta dessa pesquisa, considera-se que foram alcançados os objetivos traçados ao demonstrar que o cordel é também um recurso para a transmissão de informação

Devido a amplitude temática do cordel e de sua possibilidade de uso no ambiente escolar, considera-se que o mesmo não se limita ao que foi apresentado nesse trabalho pois é considerado, conforme os professores cordelistas entrevistados, uma rica herança cultural para o povo brasileiro e, desse modo, apresenta várias vertentes ou caminhos para a produção de futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/historia/hist_ablc.htm>. Acesso em 08 jul. 2015.

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidade**. UFS/São Cristóvão 2008. Ano 2, Volume 4 – p. 103-109 – jul-dez de 2008 .Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_103_109.pdf> Acesso em: 26 maio. 2015.

ANDRADE, Carlos Henrique Salles. Corda, cordel, cordão: aventura e poesia de mãos dadas. In: SILVA, João Melquíades F. da, BARROS, Leandro Gomes de, ASSARÉ, Patativa do. **Feira de versos: poesia de cordel**. São Paulo: Ática, 2005. p.127-135.

ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. Organização de Guirlanda de Castro Benevides, Danielli de Bernardi Parente. Pesquisa e texto final Tadeu Feitosa Ceará: Acesso Produções Culturais, [1990?].

ASSARÉ, Patativa do. **História de Aladim e a lâmpada maravilhosa**. Apresentação de Marisa Lajolo. Rio de Janeiro; Objetiva, 2002.

ASSARÉ, Patativa do. **Melhores poemas**. Seleção de Claudio Portella. São Paulo: Global, 2006. (Coleção Melhores Poemas. Direção Edla Van Steen).

BARROSO, Maria Helenice. **Os cordelistas no D.F.; dedilhando a viola, contando a história**. Brasília. DF, 2006. (Dissertação de Mestrado, apresentado na universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação) Disponível em: <ti>. Acesso em 26 maio 2015.

BELISARIO, Danielle Dos Santos Souza ; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. Impacto do Projeto “cordel no espaço escolar” nas bibliotecas escolares de João Pessoa-PB. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 250 - 278, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/informacao/>>. Acesso em 06 jul. 2016.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada a pesquisa social em Ciência da Informação. In: MULLER, Susana Pinheiro. Machado (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. Literatura de cordel; Da oralidade a impressão. In: **SIMPOSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA**. Impressos no Brasil do Século XIX, 3, 2013. Maranhão. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Prédio de Arquitetura, Centro Histórico, São Luís – MA, de 04 a 07 de jun de 2013. Disponível

em: <<http://www.outrostempos.uema.br/oitocentista/cd/ARQ/29.pdf>>. Acesso em 26 maio 2015.

CASA NOVA, Vera Lúcia de Carvalho. Cordel e Biblioteca: cordel – literature and Library. **Revista Escola de Biblioteconomia**. UFMG, Belo Horizonte. 1982. V. 11, n. 1. F. 7 – 13, mar. 1982. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002896&dd1=f05ec>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

CERVO, Amado Luiz BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CAMPOS Dimas de. (Org.) Cordel Paraíba: espaço destinado à publicação de poemas e informações diversas relacionadas com a literatura de cordel. **Blog** <http://cordelparaiba.blogspot.com.br/>. Disponível em: <<http://cordelparaiba.blogspot.com.br/2010/03/historia-da-literatura-de-cordel.html>>. Acesso em 11 jun. 2015.

DIÉGUES JR. Manuel. **Literatura de cordel**. Maceió; Oficinas da Imprensa Universitária-Campos A.C. Simões, 1975, 38p. (Nova Série Cadernos de Folclore).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mineaurélio Século XXI Escolar: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Gilmar. **São Francisco, o santo do Brasil: História e Importância**. Aracaju; Print Gráfica, 2002. Literatura de cordel.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LOPES, José Ribamar (Org.). **Literatura de cordel: antologia**. 3. ed. Fortaleza: BNB, 1994. p. 704. (Monografia, 14).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisas: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, P. M. P, PAIVA, J. S. P, CEZARIO, K. G, PAGLIOCA, M. F. Literatura de cordel como estratégia educativa para prevenção da dengue. Artigo original. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2011. Out – Dez 2004. F. 766-773, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v20n4/16.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2015.

RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. Marília 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli_a_me_mar.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2016.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

SANTOS, Francisco passos. **A História de Sergipe contada em versos**. Aracaju, 2013.

SILVA, Gisele Helena dos Santos; AGUIAR, Isabel Maria de; SANCEVERO Francisca (Orgs.). **Literatura de cordel**: catalogo do acervo da biblioteca central de Londrina da Universidade Estadual de Londrina. Londrina: Editora EUL, 2007.

SILVA, Jacineide Virgínia Borges de Oliveira da. LIMA, Aline Giseli da Silva, SANTOS Gilianne Vicente dos. SILVA Anie Gabriele Veloso da. A Literatura de cordel como recurso didático/metodológico nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental. In: **II CONEDU. Congresso Nacional de Educação**. Paraíba, 2015 Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_M D1_SA5_ID6874_08092015161754.pdf >. Acesso em: 28 jul. 2016

SILVA, João Melchíades Ferreira da. 1869-1933. **Feira de versos**: poesia de cordel. João Ferreira Melchíades da Silva; Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré. Seleção e organização de textos Claudio Henrique Salles Andrade e Nilson Joaquim da Silva. Ilustrações J. Borges. São Paulo: Ática, 2005.

SILVA, Mara Cláudia de Oliveira. **A leitura do Cordel nas aulas de Língua Portuguesa no ensino Médio**. Taubaté: UNITAU, 2008. 100 p (Dissertação de Mestrado). Disponível em: http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes_orais/artigo-mara_claudia.pdf >. Acesso em: 25 maio 2015.

SILVA, Rita de Cássia Curvelo da. Historia e cultura popular na literatura de cordel no território de identidade litoral sul da Bahia. **Encontro Estadual de Historia ANPUH/BA 2013, 4. Anais eletrônicos**. Disponível em <http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2013/12/Rita-Curvelo.pdf> >. Acesso em 26 maio 2015.

SILVA, Vânia Ferreira da. **Informação e memória na literatura de cordel**: produção e fluxo. Recife, 2012. (Dissertação de Pós-Graduação em Ciência da Informação). Disponível em <https://www.ufpe.br/ppgci/images/documentos/disserta/2010%20vania.pdf> >. Acesso em 26 maio 2015.

TAVARES, Braúlio. **A pedra do meio-dia Ou Artur e Isadora**. Ilustrações de Cecília Esteves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

TORRES, Alba Lúcia Ferreira, **"Cordel na sala de aula"** O Itinerário de uma prática de leitura. Campina Grande /PB, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5615/1/PDF%20-%20Alba%20L%C3%BAcia%20Ferreira%20Torres.pdf> >. Acesso em: 28 jul. 2016.

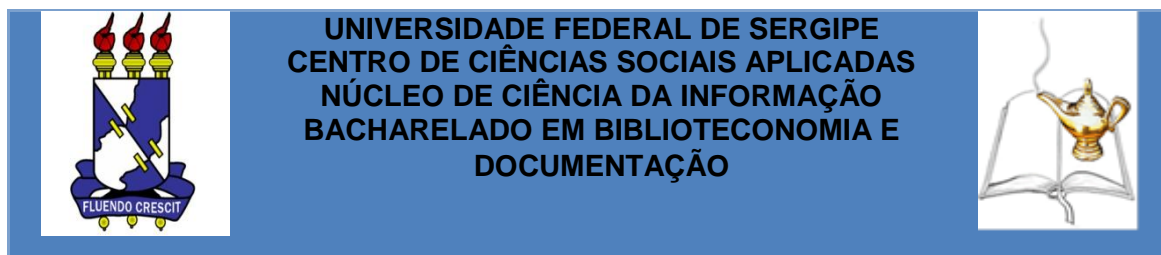
APÊNDICE A

QUESTÕES ABERTAS PARA O QUESTIONÁRIO AOS CORDELISTAS

- 1- Na condição de educador, o que a literatura de cordel representa para você?
- 2- O que busca abranger, na condição de cordelista, na criação dos folhetos de cordel em suas diferentes temáticas?
- 3- Você já publicou algum material em cordel?
- 4- Como funciona o processo de elaboração e divulgação dos folhetos de cordel?
- 5- Você desenvolve ações em prol do aprimoramento informacional na educação?
- 6- Quais são as ações que são desenvolvidas?
- 7- Você usa a literatura de cordel como instrumento de aprendizagem no contexto informacional?
- 8- Essas ações abrangem a população em geral ou só são direcionadas para o público estudantil?
- 9- Após a realização dessas ações, como é avaliado o nível de aproveitamento informacional dos alunos?
- 10- Em sua opinião, como o cordel auxilia o gosto pela leitura?

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da pesquisa sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) graduando (a) em Biblioteconomia e Documentação pela *Universidade Federal de Sergipe*, a qual pretende

Sua participação é voluntária e se dará por meio da aplicação de um questionário, com viés qualitativo, com questões abertas e fechadas. É de seu conhecimento que a sua participação nesta pesquisa não implica em nenhum benefício pessoal, não é obrigatória e não trará riscos previsíveis.

Caso queira, saiba que pode desistir a qualquer momento, sem que isso lhe cause prejuízo. Será, portanto, acompanhado e assistido pela pesquisadora responsável durante a aplicação dos instrumentos de pesquisa, podendo fazer perguntas sobre qualquer dúvida que apareça durante todo o estudo, além disto, não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa, você não terá nenhum gasto.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo e-mail ou pelo telefone (79) ou poderá entrar em contato com o Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, pelo telefone (79) 3194-6822.

Diante disso, eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por esta razão, aceito participar voluntariamente desta pesquisa, sabendo que os dados coletados estarão sob o resguardo científico e o sigilo profissional e contribuirão para o alcance dos objetivos deste trabalho e para posteriores publicações dos dados.

São Cristóvão, data da entrevista 2016

Assinatura